

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

PAULO CEZAR NUNES JUNIOR

ESPAÇO PARA O TEMPO LIVRE
Considerações sobre lazer e apropriação do
espaço urbano no Parque do Ibirapuera

Campinas
2009

PAULO CEZAR NUNES JUNIOR

ESPAÇO PARA O TEMPO LIVRE
Considerações sobre lazer e apropriação do
espaço urbano no Parque do Ibirapuera

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Silvia Cristina Franco Amaral

Campinas
2009

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

N922e Nunes Junior, Paulo Cezar.
Espaço para o tempo livre: considerações sobre lazer e apropriação do espaço urbano no Parque do Ibirapuera / Paulo Cezar Nunes Junior. - Campinas, SP: [s.n], 2009.

Orientador: Sílvia Cristina Franco Amaral
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física,
Universidade Estadual de Campinas.

1. Lazer. 2. Espaço. 3. Parques Urbanos. 4. Parque do Ibirapuera. I. Amaral, Sílvia Cristina Franco. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Space for free time: Considerations about leisure and appropriation of urban space in the Ibirapuera Park.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Leisure; Space; Urban parks; Ibirapuera Park.

Área de Concentração: Educação Física e Sociedade.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora: Sílvia Cristina Franco Amaral. Sidnei Raimundo. Jocimar Daolio.

Data da defesa: 17/04/2009.

PAULO CEZAR NUNES JUNIOR

ESPAÇO PARA O TEMPO LIVRE
Considerações sobre lazer e apropriação do espaço
urbano no Parque do Ibirapuera

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação de Mestrado defendida por Paulo
Cezar Nunes Junior e aprovada pela Comissão
julgadora em: 17 /04 /2009.



Silvia Cristina Franco Amaral
Orientadora

Campinas
2009

COMISSÃO JULGADORA

Silvia Cristina Franco Amaral
Orientadora



Sidnei Raimundo
Membro Titular



Jocimar Daolio
Membro Titular

Dedicatória

*Áqueles momentos de liberdade que estiveram
presentes durante este tempo de trabalho.*

Agradecimentos

Os anos de 2007 e 2008 foi um período de muitas mudanças. Estes agradecimentos vão a nome de todas elas.

No âmbito profissional, tive experiências muito valiosas com autores, textos, grupos, congressos e outros afazeres mais técnicos. Agradeço à Profa Silvia e aos amigos pesquisadores do GEPPLU – Grupo de Estudo em Políticas Públicas e Lazer da Unicamp pelo apoio e crescimento mútuo. Mais recentemente, agradeço à Profa. Nuria e ao Prof. José Vicente pelas oportunidades junto à Universitat de Barcelona e ao PsicoSAO – Grupo de Investigación en Psicología Social, Ambiental y Organizacional.

Agradeço também aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, além dos bibliotecários e funcionários de outros setores desta faculdade.

Faço menção ainda aos professores que leram e arguíram este texto durante as bancas de qualificação e defesa: Sidinei Raimundo, Jocimar Daolio, Simone Rechia e Heloisa Reis. Muito obrigado pela atenção e pelas considerações.

Envio por estas palavras um abraço apertado a cada amigo e familiar que participou destes câmbios, protagonizando os mais diversos momentos de crescimento pessoal. Substituo a citação dos nomes por um momento de silêncio e pensamento em cada um de vocês...

Ao meu grande companheiro, e à sua espontaneidade e força de pronto guerreiro.

Todas estas mudanças corroboraram para uma maior, de ordem espiritual. Estendo estes agradecimentos às forças divinas, por cada instante de bênçãos e de aprendizado neste período.

NUNES JUNIOR, Paulo Cezar. **Espaço para o tempo livre**. Considerações sobre lazer e apropriação do espaço urbano no Parque do Ibirapuera. 2009. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

Este estudo apresenta as discussões sobre lazer e apropriação do espaço travadas a partir das trinta e oito visitas feitas ao Parque do Ibirapuera, na cidade de São Paulo, durante o ano de 2008. Por meio do método de pesquisa qualitativo, procurei entender os usos de alguns espaços deste parque pelos sujeitos (especialmente na marquise e na pista central) com foco nas suas práticas de lazer. Esta relação permitiu a discussão de conceitos como lazer e tempo livre, espaço liso e apropriado, aceleração da sociedade e encurtamento do espaço, oásis e subversão. Como avanço para o tema tratado nesta pesquisa, proponho a expressão “espaço para o tempo livre”, entendendo-o como canal que conduz o sujeito à liberdade.

Palavras-Chaves: Lazer, Espaço, Parques urbanos, Parque do Ibirapuera.

NUNES JUNIOR, Paulo Cezar. Space for free time: Considerations about leisure and appropriation of urban space in Ibirapuera Park. 2009. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

This study presents the discussion about leisure and appropriation of space made from thirty-eight visits to the Ibirapuera Park during 2008. Through the method of qualitative research, I tried to understand the uses of certain areas of this park by individuals (especially in the *marquise* and the central lane) with special interest on their practice of leisure. This relationship allowed the discussion of concepts such as leisure and free time, smooth space and appropriate space, society acceleration and shortening of the space, "oasis" and "subversion". As how to advance in this research topic, I would suggest the term "space for free time", considering it as a channel that brings freedom to the person.

Keywords: Leisure, Space, Urban parks, Ibirapuera Park.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DA BARRA FUNDA AO PARQUE DO IBIRAPUERA: A APROXIMAÇÃO COM O CAMPO DE PESQUISA.....	16
2.1. PROPOSTA DE ANÁLISE	30
3 QUESTÕES GERAIS SOBRE O ESPAÇO E O PARQUE DO IBIRAPUERA.....	34
4 DO LAZER AO TEMPO LIVRE.....	50
4.1 MUNNÉ E A PSICOSSOCIOLOGIA DO TEMPO LIVRE.....	56
4.2 O USO E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO.....	58
5 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO: “OÁSIS”, DIVERSIDADE E “SUBVERSÃO”.....	62
5.1 OÁSIS PARA A CIDADE E FREIO À CONTRAÇÃO.....	63
5.2 PISTA CENTRAL: REVELANDO AS DIVERSIDADES.....	69
5.3 USOS PARA O ESPAÇO LISO: A “SUBVERSÃO” NA MARQUISE.....	71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
7 REFERÊNCIAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

Como geralmente ocorre com os grandes empreendimentos da vida, a elaboração deste projeto de pesquisa começou a ser idealizado já há algum tempo. Desde o primeiro contato com o tema, quando preparei um seminário sobre equipamentos de lazer para uma disciplina da graduação no ano de 2005¹. Senti que para mim aquele era um assunto em aberto, e que deveria ser trabalhado em um momento posterior de estudos.

No intervalo de tempo de dois anos entre o terceiro ano do curso de graduação e o ingresso no curso de mestrado, inúmeros trabalhos foram realizados, entre leituras, disciplinas, outros seminários e alguns projetos de pesquisa. A heterogeneidade de linhagens teóricas e autores, encontrada nesta época, certamente contribuiu para a formação do escopo epistemológico que sustenta, neste momento, meu olhar de pesquisador.

Se, por um lado, a aproximação com leituras e métodos mais clássicos de pesquisa me cederam uma certa posição “estática” à delimitação dos objetivos e problemas de pesquisa, por outro posso observar uma certa migração de postura teórica, de um pólo mais rígido para um outro, mais próximo às novas formas de apreensão da realidade.

De volta ao tema desta pesquisa, vejo mais claramente que as inúmeras dúvidas suscitadas há alguns anos formaram o mote para o processo de investigação que começou a tomar forma propriamente dita com a elaboração de um projeto de pesquisa para o ingresso no programa de pós-graduação em educação física, no nível de mestrado, na Universidade Estadual de Campinas em setembro de 2006.

Desde então, a proximidade com a temática do lazer e espaço urbano fomentou algumas formas para “cercar” o problema que me coloco a investigar por meio desta pesquisa. Movimento que teve alterações no desenrolar deste processo, obedecendo a mudanças que me levaram a aproximação e ao afastamento de diferentes autores.

Com o título provisório “A cidade e o poder dos (nos) corpos”, o projeto inicial apresentava, além da falta de clareza com o tema a ser pesquisado, um olhar previamente determinado sobre o mesmo. Este olhar anunciava sumariamente que haveria uma determinada

¹ Trata-se da disciplina MH 701 – Relações entre Educação Física, Recreação e Estudos do Lazer, ministrada pela professora Silvia Cristina Franco Amaral.

relação entre corpo e espaço codificada por uma forma de poder que não abriria possibilidades para uma ação ativa do sujeito na transformação da sociedade.

Recordo-me do início da pesquisa, época na qual me debruçava sobre os escritos foucaultianos, quando recorri ao corpo para discutir sobre o poder, o gesto disciplinado, a norma mantida pelo sistema. As questões norteadoras do controle pré-estabeleciam uma maneira de conduzir a pesquisa e me adiantavam a impossibilidade de fuga mediante o controle da realidade, haja vista a idéia do poder nos corpos, do panoptismo² encampador da subjetividade.

A inversão de sentido ocorreu com o desenrolar da pesquisa, quando o cotidiano e a idéia da apropriação começaram a tomar forma. Sob as idéias de Henri Lefebvre³, foi possível desenhar esta ponte entre a estrutura e a reprodução do capital com as possíveis cadeias de significantes engendradas pela vida cotidiana.

Direcionando a pesquisa para este referencial, a partir de leituras da área da educação física⁴, me aproximei de autores que concedem papel determinante ao sujeito, entendendo-o de maneira atuante na ressignificação da realidade por meio do cotidiano vivido. Sobretudo a obra de Harvey (2004) e a leitura de Certeau (1994) me auxiliaram a afinar o olhar para o detalhe, para o inesperado, para o subversivo, para as saídas que o sistema poderia conter em meio à sua funcionalidade. Tudo isso para auxiliar na compreensão do meu objeto de estudo central, as relações entre lazer e usos do espaço urbano no Parque do Ibirapuera.

A utilização do conceito “espaço para o tempo livre” em oposição ao termo “espaços de lazer” ou à classificação dos equipamentos de lazer proposta por Requixa (1980)⁵ marca o avanço que este trabalho pode trazer para a temática. Tomando-se o Parque do Ibirapuera como campo de pesquisa, trata-se de discutir a questão da busca pela liberdade através do tempo livre (MUNNÉ, 1980) e dos diferentes usos do espaço.

²Em “Vigiar e Punir” Foucault traz o conceito do *panopticum* de Jeremy Bentham, dispositivo carcerário setecentista. Trata-se de um dispositivo de controle que ocupa um espaço central em um formato de prisão circular, cujo objetivo é fazer a vigilância da prisão de modo que nada se escape aos olhos daquele que vê, em metáfora ao controle da sociedade pelos mecanismos disciplinares descritos por Foucault (1987). Neste sistema, as ações seriam tomadas de acordo com as intenções do esquema de vigilância vigente.

³Filósofo e sociólogo francês, Henri Lefebvre foi um pensador que recebeu influências do marxismo, produzindo textos entre as décadas de 1940 e 1980. De modo geral, podemos dividir seus estudos em duas fases principais. Uma primeira, notadamente nas décadas de 1940 e 1950, na qual o foco de suas pesquisas gira em torno da questão do cotidiano e da vida moderna; e uma segunda fase, a partir da década de 1960, período em que o autor se debruça aos estudos sobre o espaço.

⁴Entre as quais cito aqui os trabalhos de Rodrigues (2001), De Pellegrin (1999) e Rechia (2007).

⁵Em sua obra “Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer”, Requixa (1980) apresenta o conceito de equipamentos de lazer para definir os locais onde este pode ser praticado, estabelecendo a eles outras classificações de acordo com suas funções (específico/não-específico) e dimensões (macroequipamento/microequipamento).

Por este caminho, o termo espaço será apreendido aqui como a soma de elementos materiais e imateriais, conjunto de fixos e fluxos (SANTOS, 1988) que se alteram constantemente. Certeau (1994) auxilia nesta apreensão quando estabelece o conceito de *conjunto de móveis*, em oposição à *instabilidade do lugar*.

A temática propulsora deste estudo é expressa pela seguinte pergunta: qual a relação entre os usos feitos do Parque do Ibirapuera pelos sujeitos e o caminho para o tempo livre referentes ao espaço que ocupam e ao lazer que praticam?

Será objetivo deste trabalho entender os usos que os sujeitos fazem de alguns espaços do Parque Ibirapuera por meio do lazer e como essa relação pode criar uma perspectiva diferenciada na relação sujeito/espaço urbano. Portanto, discuto os pontos que marcam as diferenças e as aproximações destas tensões na produção do espaço do Parque do Ibirapuera, para que possam ser pensados os usos e suas possibilidades para o desenvolvimento das cidades por meio das ressignificações e dos escapes proporcionados pelas fissuras do sistema (LEFEBVRE, 2006), pelo olhar próximo ao cotidiano dos sujeitos.

Neste movimento, a opção às “caminhadas pela cidade” ao invés do “olhar panorâmico” de cima dos prédios me converteu, conforme sugere Certeau (1994), de *voyeur* à caminhante. Justificando este processo, menciono o mito de Ícaro lembrado por Certeau (1994, p. 170)

Ícaro, acima dessas águas, pode agora ignorar as astúcias de Dédalo em labirintos móveis e sem fim. Sua elevação o transfigura em voyeur. Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava possuído. Ela permite lê-lo, ser um olhar solar, um olhar divino. Exaltação de uma pulsão escópica e gnóstica. Ser apenas esse ponto que vê, eis a função do saber. Será necessário, pois cair de novo no sombrio espaço onde circulam multidões que visíveis lá do alto, embaixo não vêm? Queda de Ícaro.

O auspicioso olhar de Ícaro não o livrou de sua queda, em que pese seu virtuosismo de vôo. O premente estágio da descida do prédio desencadeou, portanto, o aguçar do olhar naquilo que antes era invisível (e imprevisivelmente transformador) na cidade. Resgatando outro mito grego e colocando-se em direção a tais idéias, Lefebvre fala do poder do cotidiano a partir da figura de Ulisses.

[...] o cotidiano em Ulisses entra em cena revestido pelo épico, por máscaras, por vestimentas e por cenários. É exatamente a vida universal e o espírito do tempo que se apoderam dele porque se investe nele, conferindo-lhe uma amplitude teatral. Todos os recursos da linguagem vão ser empregados para que se exprima a cotidianidade, com sua miséria e sua riqueza. (LEFEBVRE, 1999, p. 7).

Na aventura de Ulisses, em “A Odisséia”, a miséria e a riqueza da cotidianidade são espelhadas nas ações do herói. Suas estratégias guiavam suas viagens, assim como o cotidiano, elaborado pelas estratégias, pelas técnicas e astúcias (CERTEAU, 1994), conduzem o dia-a-dia do sujeito comum no espaço das cidades. A queda de Ícaro inevitavelmente o fez descer de sua posição de *voyeur* à ação no sombrio espaço das multidões. Ou seja, mesmo que o movimento de ascensão tenha sido necessário a fim de que o saber e a abertura do olhar precedessem a imersão, foi necessária a incursão de novo no espaço onde a realidade acontece, local onde Ulisses exhibe suas peripécias rumo ao futuro desconhecido. Cotidianamente a realidade se constrói pelos braços dos sujeitos, ora a níveis mais sombrios, ora a níveis mais leves. O que se leva é a certeza do ato praticado, na busca da transformação pelas estratégias de ação dos sujeitos.

Na tomada do desenvolvimento das cidades e do espaço para o lazer precisamos, ao mesmo tempo, considerar os movimentos de Ícaro e Ulisses. Tanto a ascensão quanto a queda são permeadas pelo cotidiano e seus efeitos moduladores da realidade. Precisamos ter a certeza constante de que nosso vôo é acompanhado o tempo todo por uma realidade que é construída diariamente segundo as técnicas e astúcias (CERTEAU, 1994) de incontáveis estrategistas. Estas ações incitam-nos a descer e pousar o olhar sobre a realidade para de novo vislumbrar a utopia, mostrando que ao pensar o espaço e o lazer estamos compactuando, inevitavelmente, com este movimento dialético.

A esta idéia é preciso acrescentar outro ponto importante, contínuo a este movimento: as relações entre o ser humano e seu espaço estão ligadas às transformações políticas, econômicas e sociais da nossa sociedade. As preferências pessoais não são isoladas de seu meio, estão relacionadas aos diversos significados sejam eles sociais ou individuais em um espaço e tempo específicos.

No processo de investigação, a escolha do Parque do Ibirapuera ocorreu principalmente por dois motivos. Em primeiro lugar, é preciso considerar que o Ibirapuera é um dos parques mais frequentados da cidade de São Paulo (SÃO PAULO, 2008)⁶. Em segundo lugar, salienta-se a diversidade de interesses que aparecem no uso do parque, visto que o espaço oferece atrativos para os mais diversos públicos: crianças, corredores, esportistas, idosos, interessados em

⁶ O Programa 100 Parques para São Paulo é um projeto da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente da prefeitura de São Paulo, lançado em janeiro de 2008. Desde então, levantou e reservou áreas para serem transformadas em parques em diversas regiões da cidade. Com isso, São Paulo ganhou 14 novos parques e outros 23 estão em diferentes fases de implantação.

exposições de cultura e arte, entre outros públicos que utilizaram o parque no tempo em que o trabalho de campo ocorreu.

As informações sobre os diferentes usos do espaço ganharam fôlego no desenvolvimento da pesquisa, tanto pelo foco no cotidiano quanto pela discussão central das ressignificações provocadas pelos usos dos espaços, cedendo à pesquisa a forma e as ferramentas para transpor ao plano da escrita, indagações que antes flutuavam no plano das idéias. Nas idas ao Ibirapuera, o diálogo com o referencial adotado tomava forma e se decantava, paulatinamente, nas páginas deste texto ao longo de dois anos de trabalho.

É importante frisar que a forma de escrita escolhida para esse texto buscou unir os elementos de discussão em cinco capítulos que versam sobre diferentes aspectos a partir de um mesmo eixo temático. Ao invés de separar os capítulos por temas e por um tom progressivo de discussão do conteúdo, a tentativa aqui será mesclar os elementos teóricos encontrados na primeira parte da pesquisa com os fatos e observações ocorridos no contato com o campo.

No primeiro capítulo faço a apresentação do campo investigado, bem como meu processo de aproximação com o objeto de pesquisa. São debatidos elementos da estrutura do Parque do Ibirapuera, bem como aspectos de formação da cidade de São Paulo no que tange ao lazer e ao espaço urbano. Além disso, este capítulo apresenta a proposta de análise e alguns apontamentos metodológicos utilizados para esta investigação. Discorro sob especificidades do método de pesquisa do qual lanço mão, tal como a importância da observação atenta para pistas e sinais que constituem o cotidiano dos sujeitos.

No segundo abarco a discussão teórica sobre o conceito de espaço e sobre o conceito de cidade no modo de produção capitalista.

O terceiro capítulo está composto por apontamentos sobre o lazer, alguns de seus marcos teóricos na modernidade e sua relação com o trabalho. Neste também são discutidas as contribuições da psicossociologia para o entendimento dos usos e da apropriação do espaço.

O quarto capítulo apresenta mais especificamente alguns elementos mais significativos observados no Parque do Ibirapuera e os eixos interpretativos de análise desta pesquisa: sua função de oásis para o tempo livre, a diversidade presente na pista central e as subversões observadas na marquise.

No quinto e último capítulo concomitantemente às conclusões finais, é apresentado e defendido o conceito de “espaço para o tempo livre” como possibilidade do sujeito ressignificar suas práticas no tempo e no espaço dos parques urbanos.

2 DA BARRA FUNDA AO PARQUE DO IBIRAPUERA: A APROXIMAÇÃO COM O CAMPO DE PESQUISA

Barra Funda, São Paulo, 24 de fevereiro de 2008⁷. Da sacada do décimo segundo andar de um prédio observo a imponência da cidade de São Paulo. As centenas de construções e a paisagem de concreto a perder de vista impressionam meus sentidos. Aliado à sensação de ansiedade, sou acometido por um sentimento de angústia pelo campo que, embora eu ainda não o visse concretamente, se apresentava sob meus olhos.

A recordação do mito de Ícaro foi quase automática. A condição de “ser apenas um ponto que vê” (CERTEAU, 1994, p. 170) a princípio me tornou pequeno, em meio ao conjunto de móveis (CERTEAU, 1994) sem fim avistados do alto do edifício. Paulatinamente o estado estático cedeu lugar à queda (CERTEAU, 1994), ao desejo de descer e tomar contato com a cidade e o espaço vivido.

Embora ainda não estivesse no Parque do Ibirapuera, esta foi a primeira impressão, na condição de pesquisador com a cidade, tomada “oficialmente” como objeto de pesquisa. Ao descer do prédio, a sensação da proximidade com os sujeitos suplantou qualquer possibilidade de homogeneização e falta de alternativas que, porventura, me acometeram na recente condição de *voyeur*. A caminho do Parque do Ibirapuera, o diálogo entre as referências lidas durante todo o primeiro ano de pesquisa e o campo começava a tomar forma. Os pedestres, os encontros e os imprevistos observados nas calçadas “falavam” sobre a urbanidade; o trânsito caótico e a quantidade de estímulos visuais “narravam” sobre a lógica contraditória do fluxo de mercadorias, a troca de referenciais de movimento (o andar a pé, o ônibus e o metrô) do trajeto até o parque revelavam a bivalência entre a contração e o dilatamento do espaço.

Nos possíveis caminhos a se fazer do bairro paulista Barra Funda, do apartamento onde fiquei hospedado, nas idas à São Paulo até o Parque do Ibirapuera, o percurso mais praticado era tomar o metrô na Estação Marechal Deodoro, com baldeação para a linha azul na Estação da Sé e para a linha verde na Estação Paraíso. Dali seguia para a Estação Brigadeiro, na Avenida Paulista, de onde descia até o Parque do Ibirapuera a pé, completando geralmente um trajeto de

⁷ Como todo o trabalho de campo foi feito durante o ano de 2008, daqui pra frente especificarei apenas o dia e o mês dos fatos e das observações realizadas.

quarenta e cinco minutos. Neste intervalo, as sensações vivenciadas no contato atento com a cidade suscitaram anotações para o diário de campo.

No interior do metrô no dia 17 de maio, por exemplo, o sentimento dominante do ambiente era a fraqueza. Senti-me pressionado pelo excesso de informações, pelo volume de pessoas, pelas placas, pela falta de abertura à introspecção. Apresentou-se forte o efeito da cidade como balcão de negócios, cenário da informação e da circulação de mercadorias.

Ao todo foram trinta e oito visitas ao parque. A decisão de escolha pelas observações apenas nos sábados, domingos e feriados foi feita em um momento posterior a aproximação inicial com o campo, no final do mês de março. Com frequência em diferentes horários do dia, as visitas ocorreram sistematicamente até o mês de julho, com outras eventuais idas à campo nos meses de agosto e setembro.

Em todo este período, tanto o Parque do Ibirapuera como a cidade de São Paulo apresentaram-se como ambientes em constante movimento, no qual perspectivas individuais e coletivas geraram situações singulares a serem questionadas e que suscitaram o desejo de interpretar e compreender o cotidiano da vida urbana e sua diversidade.

Se por um lado foram apontadas características e funções concernentes aos parques urbanos, por outro lado a utilização da pesquisa de cunho etnográfico exigia outros níveis de recorte, com vistas a fornecer critérios e clareza na elucidação das pontes entre os dados fornecidos pela realidade e as questões debatidas no desenvolvimento da pesquisa.

Assim, o processo de aproximação com o Parque do Ibirapuera e a delimitação do campo ocorreu em três estágios diferentes. No primeiro deles a intenção foi caminhar atentamente por todo o parque a fim de tomar contato com os lugares, com os sujeitos, com as sensações, com os fluxos, com os horários. A idéia era me aproximar do campo, num exercício de estranhar o familiar e me familiarizar com o estranho (LAPLANTINE, 1996): as diferenças na concepção de tempo, a relação com a natureza, o encontro entre diferentes grupos, a dinâmica entre os usos, os horários e os dias.

Alguns sinais foram notados nesta fase inicial, fomentando alguns elementos importantes na discussão entre espaço e lazer. Porém, procurei ficar atento para que estes indícios não se constituíssem como normas (GEERTZ, 1989), limitando-me o universo que começava a se apresentar para os horizontes da pesquisa. Junto com eles, deixei abertas as possibilidades para novos estímulos, novos temas que porventura viessem a ocorrer no período de contato com o

campo. Ao construir o caminho metodológico para a elaboração do livro “Na metrópole: textos de antropologia urbana”, Magnani (2000, p. 37) sugeriu algumas considerações sobre esta caminhada. Segundo ele, ela deve ser sistemática, mas não exaustiva. Tomo-a emprestada aqui:

A recomendação era deixar-se impregnar pelos estímulos sensoriais durante o percurso. Devia estar atento principalmente à materialidade da paisagem: relação entre espaços vazios e construídos, disposição das edificações e equipamentos, escala, volumetria, ruídos, cores, cheiros. Não se tratava de buscar o inusitado, o inesperado, mas, ao contrário o reiterativo, o padrão, a norma. A delimitação prévia do percurso e a cobertura do trajeto em sua totalidade sem interrupções são condições para captar a diversidade de uma rua por exemplo, sem se deixar levar pela fragmentação que, à primeira vista, ela parece exibir. Deve haver uma ordem, um ritmo, regras. Os usuários obedecem a essa ordem sem necessariamente dar-se conta disso, pois o padrão está internalizado. Ao pesquisador cabe identificar tais regras.

Considero esta passagem uma boa tradução para este momento inicial de pesquisa de campo. Neste primeiro estágio percorri todos os cantos do parque na busca de elementos para a pesquisa: os jardins centrais, as rotas de entrada e saída, as avenidas e os arredores do bairro, os pavilhões de exposição, os *playgrounds*; espaços nos quais pude observar a diversidade dos sujeitos: atletas, vendedores ambulantes, estudantes, grupos de excursão, policiais, varredores, casais de namorados, e mais particularmente nos finais de semana, artistas de rua, militantes, famílias inteiras, entre outros tantos sujeitos. Além destes “pormenores”, também fiquei atento às edificações, vias e pequenas construções dispostas na área do parque, uma vez que elas pré-determinam a ação dos sujeitos, ao mesmo tempo em que são determinadas por eles, dialeticamente.

Entre os múltiplos espaços de lazer existentes na metrópole de São Paulo, os parques urbanos são lugares interessantes para pensar a relação entre as formas desta manifestação e o desenvolvimento da cidade. Atuam como uma espécie de “parênteses” ao espaço configurado para o trabalho, revelando suas interfaces com o lazer por meio da organização do espaço, o que justifica a utilização do conceito de “prótese” proposto por Santos (1994).

Assim como o lazer, o parque urbano é um produto da cidade moderna. Nasceu, a partir do século XIX, da necessidade de dotar as cidades de espaços adequados para atender a uma nova demanda social: o lazer e o tempo livre deveriam contrapor-se ao trabalho e ao tempo produtivo gerados pelas imanências do ambiente urbano (MACEDO; SAKATA, 2002).

Ou seja, locais que teriam por função conduzir os sujeitos à sensação de descanso e de entretenimento, seja pela recriação do contato com a natureza, seja pela oferta de atividades

dotadas de elementos lúdicos, que despertassem o sujeito para uma noção de tempo e de conduta alheios àquela proporcionada pelo sistema produtivo das fábricas.

Além do industrialismo, é preciso lembrar que a modernidade também é marcada pelo capitalismo e pela racionalidade. Por um lado, ambos os pólos (o lazer e o trabalho, o tempo livre e o tempo produtivo, o divertimento e a linha de montagem) estariam ligados pela lógica fabril ao modo de produção capitalista. Por outro, a racionalidade incutia no despertar das ciências setecentistas medidas de sistematização de métodos, ações de planejamento não só para as cidades, mas para a educação, para os hábitos, para o lazer.

A década de 1950, período de construção do parque, foi marcada pela verticalização intensa da área central de São Paulo, seguindo a velocidade de seu desenvolvimento urbano. As grandes reformas na estrutura da cidade, bem como a criação de parques, monumentos e espaços públicos diversos era motivo de orgulho dos paulistanos mais ufanistas (LOFEGO, 2004).

Nesta época São Paulo se evidencia como uma das maiores cidades do mundo e a principal metrópole industrial latino-americana, abrigando por volta de 2,75 milhões de habitantes (BRITO; SOUZA, 2005). Ícone deste momento histórico, o Parque do Ibirapuera se insere como importante cartão postal e símbolo da modernidade da cidade. Sua inauguração ocorreu oficialmente em 21 de agosto de 1954, marcando as festividades do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

À equipe de planejamento⁸ coube a tarefa de descrever os documentos referentes à implantação do projeto do parque, nos quais constavam os aspectos gerais das atividades a serem desenvolvidas, “definindo que os trabalhos urbanísticos e arquitetônicos seriam orientados no sentido de criar em São Paulo um conjunto de espaços recreativos, culturais, artísticos, paisagísticos e esportivos” (ANDRADE, 2004, p. 1). Os estudos desta equipe foram realizados em três etapas: Plano de conjunto; Projeto das unidades e Execução das obras (ANDRADE, 2004), dos quais apenas o primeiro se realizou.

O Plano de conjunto reconheceu e analisou os planos urbanísticos existentes ou em estudo, realizados pelos poderes públicos, permitindo modificações. Este trabalho resultou na elaboração de um anteprojecto com traçado viário, circulação, estacionamento e comunicações; a definição das áreas para parques, jardins e demais atividades; e a localização dos edifícios. Estas

⁸ Conforme a citação de SANTOS (2003), de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer (e de uma equipe paulista composta pelos arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, Zenon Lotufo, Hélio Uchoa Cavalcanti, Gauss Estelita, Carlos Lemos)”.

diretrizes para construção do parque corresponderiam aos objetivos do desenvolvimento urbano de São Paulo. Ao concentrar as atividades de lazer populares dos mais diferentes tipos, ele atrairia o público geral de forma concentrada e criaria na dinâmica de seu funcionamento o papel de espaço, ao mesmo tempo acessível e em consonância com um modelo de “cidade organizada”.



Figura 1 - Foto aérea com o projeto implantado (1955).

Fonte: MONDADORI (2005).

A imagem anterior nos remete a noção do hiato que o espaço do Parque do Ibirapuera representa aos seus arredores urbanos. Em meio ao emaranhado de ruas, quarteirões e construções relativamente organizadas, surge imponente o traçado moderno do novo parque. Sua comparação com o restante do bairro sugere uma ruptura de traços que, ao mesmo tempo que destoa do desenho das ruas do bairro, corrobora com a noção de “cidade organizada” pregada pelo planejamento urbano em questão.

O exercício de pensar as funções do Ibirapuera na urbanização da metrópole paulistana no século XX pode conduzir ao levantamento de outros aspectos. Entre eles, é possível citar o papel de ícone que sua inauguração propiciou às comemorações do aniversário de quatrocentos anos da cidade de São Paulo em 1954; a condição de manutenção da “boa aparência” do desenvolvimento urbano e a atuação bivalente na contração do espaço e do tempo. Estas funções desempenharam papéis de diferentes intensidades no decorrer do século XX, e em cada época apresentaram possibilidades e fragilidades no sistema de configuração do urbano.

Esta tensão é mantida de um lado pelas normas vigentes, pelas práticas socialmente permitidas e, de outro, pela participação dos sujeitos e pelas possibilidades de transformação contidas nos usos que fazem do espaço. As diferentes funções dadas ao Parque do Ibirapuera influenciaram a participação do público usuário. Pela imagem e pela circulação de sentidos atribuídos a ele, certos significados foram diretamente decisivos na escolha dos usos por parte dos sujeitos. Afiliar determinado espaço a sinônimos como saúde ou prestação de serviços públicos⁹, por exemplo, interfere nas escolhas e nos usos que serão feitos dos mesmos, embora sempre haja a possibilidade de ressignificação do espaço.

Tanto os parques urbanos como as demais formas de materialização do lazer na cidade formam, principalmente na primeira metade e meados do século XX, uma espécie de “contrato” estabelecido entre o sistema e o sujeito. Mecanismos lícitos para ações que, dentro do escopo que constituiu a modernidade, precisavam estar devidamente concatenados entre si.

Porém, por constar-se de uma relação dialética, além dos possíveis determinismos há implícito neste “contrato” a possibilidade de transformação da realidade, e neste sentido os parques podem ser espaços potencialmente mais propícios para a atuação rumo ao tempo livre, de liberdade para a liberdade (MUNNÉ, 1980)¹⁰. Na combinação entre ações heterocondicionadas e autocondicionadas (MUNNÉ, 1980), o sujeito é capaz de ressignificar suas ações a partir dos novos usos feitos do espaço.

A cidade de São Paulo tem hoje quarenta e dois parques públicos totalmente implantados (Prefeitura..., 2008). Em sua maioria, foram criados a partir da primeira metade do século XX, período no qual as fronteiras com o espaço rural começam a ficar mais definidas. O loteamento das regiões de chácaras da antiga capital provinciana, somado à abertura de novas linhas de tráfego e ao alargamento das avenidas cederam à cidade de São Paulo a necessidade da criação de áreas específicas para o lazer no perímetro urbano. Este é o projeto levado a cabo pela

⁹ Em um período logo posterior à sua implantação, o espaço do Ibirapuera é utilizado para o funcionamento de prédios públicos. As construções feitas para as festividades de sua inauguração, destinadas a abrigarem exposições e demais eventos semelhantes, acabaram servindo para repartições e sedes de órgãos da cidade, desviando-o, de certo modo, de seu sentido original. “O Parque do Ibirapuera, que fora criado com função social e recreativa, a partir de 1955 foi levado a exercer função administrativa. O Palácio da Agricultura foi ocupado pela Diretoria de Trânsito, e aos poucos outras repartições municipais se transferiram para o Parque. O antigo palácio das Nações, depois chamado ‘Palácio Manoel da Nóbrega’, foi ocupado pelo gabinete do Prefeito; no Pavilhão dos Estados, instalou-se a Secretaria das Finanças. (PORTO, 1992 p.162)

¹⁰ Este é um dos conceitos cunhados pelo autor Frederic Munné (1980) para definir o tempo livre, o qual seria construído também pela superação das ações heteocondicionadas (as necessidades e as obrigações), rumo às autocondicionadas (escolhas de vontade própria).

modernidade no Brasil do início do século XX. Outras ações podem ser encontradas no Projeto Pereira Passos, no Rio de Janeiro, e o Projeto Moreira Maciel, em Porto Alegre, ambos baseados nos ideais de modernização copiados dos modelos europeus, principalmente da cidade de Paris¹¹.

Assim, o parque público, como o conhecemos hoje, é um elemento típico da grande cidade moderna, porém está sempre em processo de recodificação. Macedo e Sakata (2002, p. 13) apontam que:

Novas funções foram introduzidas no decorrer do século XX, como as esportivas, as de conservação de recursos naturais, típicas dos parques ditos ecológicos, e as do lazer sinestésico dos brinquedos eletrônicos, mecânicos e dos espaços cenográficos dos parques temáticos. Essas funções requalificam os parques e novas denominações, novos adjetivos, são atribuídos a eles, como por exemplo, parque ecológico e parque temático.

Para os fins desta pesquisa, entendo o parque urbano como uma área destinada ao lazer da população, geralmente composto de áreas verdes. A partir desta característica comum, é possível que um ou outro espaço se caracterize por atrativos ou funções específicas: edificações para *shows* ou exposições, parques infantis ou equipamentos para esportes, por exemplo.

Em São Paulo, o Parque Vila Lobos, na Zona Oeste, identifica-se por suas amplas áreas livres usualmente utilizadas para grandes eventos. Já o Jardim da Luz, na região central da cidade, é conhecido pelos passeios e visitas ao prédio da Pinacoteca do Estado. Cada parque guarda consigo peculiaridades próprias de sua oferta de atividades, usos que estão intimamente ligados às condições de acesso e aos sujeitos que frequentam cada um deles.

De relevo plano, o Parque do Ibirapuera se apresenta repleto de gramados e bosques, com um conjunto de três lagos, redes de caminhos, dezenas de edificações e um pequeno riacho. Como prédios centrais do parque, pode-se listar seus quatro museus (Museu de Arte Moderna, Museu do Folclore, Pavilhão da Bienal, e Museu da Aeronáutica), o Auditório, o antigo espaço da Serraria (um espaço coberto, sem paredes), o planetário e a escola de astrofísica, a casa de cultura japonesa, o viveiro de mudas, a ciclovia, espelhos d'água, *playgrounds*, quiosques, lanchonetes, restaurante, esculturas, pontes, pérgula, estufas, estacionamento, pista de *cooper*¹², galpão de exposições, além de sanitários, bebedouros, mesa para jogos, mesa para piquenique, bancos, lixeiras, cercamento e placas de orientação¹³.

¹¹ O tema da implantação destes projetos nestas cidades e sua relação com o modelo de urbanização levado a cabo na Europa são discutidos nos trabalhos de Amaral (2001), Marcassa (2002) e Sant'Anna (1994).

¹² Prefiro chamar este espaço de Pista de *Cooper* e não de pista de corrida, uma vez que é comumente utilizado desse primeiro jeito, tal qual ocorre no Parque do Ibirapuera.

¹³ As quais foram substituídas sob o patrocínio do Banco Real em fevereiro de 2008, exatamente na época em que a pesquisa de campo começava a ser desenvolvida.



Figura 2 – Vista aérea parcial do Parque do Ibirapuera: marquise e imediações.
Fonte: TÊAGÁ (2007).

Disposto sob uma área total de cerca de 1.584.000 metros quadrados (SÃO PAULO, 2008), oferece atividades permanentes de lazer à população: equipamentos de ginástica, acervo próprio de alguns de seus museus, quadras poliesportivas, programação do planetário, além das inúmeras possibilidades de lazer que podem ser vivenciadas em seus espaços livres.

A programação de atividades é intensa o ano todo, abrangendo, por exemplo, campanhas de saúde¹⁴, exposições temáticas para os mais diversos interesses¹⁵, feiras para públicos específicos¹⁶, roteiros para grupos escolares, *shows*, além de inúmeros cursos oferecidos pela administração do parque, como os de jardinagem e botânica.

Pelo conjunto de atividades disponibilizado, pode-se constatar a diversidade de público que o Parque do Ibirapuera abarca. Na manhã do dia 22 de junho, sentado ao banco próximo à entrada do portão 9, observei quatro empresários caminhando no parque, discutindo sobre as ações e projetos de sua empresa para aquele mês. Os inúmeros sujeitos, esportistas, crianças,

¹⁴ Como o evento público “Agita São Paulo”, em comemoração ao dia 6 de abril, dia mundial da atividade física e as atividades do dia do parkinsoniano.

¹⁵ No período em que a pesquisa de campo foi desenvolvida, foi possível observar diversas exposições acontecendo em diferentes prédios do Parque do Ibirapuera: Exposição do Exército Brasileiro (em diversos locais do Parque), em ocasião do dia do soldado, 12 de abril; Exposição *Star Wars*, Exposição da Revolução Genômica, entre outras.

¹⁶ Como a *Natural Tech* - Feira Internacional de Produtos Naturais, Alimentação Saudável e Medicina Complementar. O evento ocorre entre os dias 20 e 23 de abril.

funcionários, donas de casa, escolares, *skatistas*, dividem o mesmo espaço entre eventos temporários ou permanentes, com entrada gratuita, ou com preços variando até o valor de trinta reais, no caso de alguns *shows* e exposições.

Apenas depois das primeiras visitas ao parque é que comecei a andar também por suas ruas e arredores. Pelo lado norte, é cortado pela Avenida Pedro Álvares Cabral, que se estende até o lado leste, onde se encontra com a Avenida 23 de Maio, entre outras ruas e cruzamentos de importantes vias da cidade. A condição de estar cercado por grandes avenidas “afasta” o parque de possíveis proximidades com esta parte de seu perímetro, com os lugares de seu entorno.

Pelo lado sul e oeste, regiões que não estão voltadas para o centro da cidade e Avenida Paulista, as imediações caracterizam-se mais por ruas arborizadas, casas grandes e mansões, além de algumas praças e jardins. Em geral, o entorno do parque é composto por zonas residenciais, com exceção de um trecho que acompanha a Avenida República do Líbano, onde é possível encontrar pontos de serviço (lojas, papelarias, farmácia, etc).

A localização do parque ao lado de áreas habitadas pelas ditas “elites”¹⁷ da cidade – os bairros Jardim América e Jardim Paulista - e sua relativa centralidade e facilidade de acesso o transformaram no principal parque da cidade, capaz de atrair milhares de usuários todos os dias, entre outros, para *shows* ao ar livre, exposições, prática de atividades físicas, ou mesmo para o descanso.

As várias linhas de ônibus¹⁸ que alimentam os pontos próximos aos seus portões são responsáveis pelo acesso de usuários da região metropolitana de São Paulo, principalmente nos finais de semana. No total, existem 119 linhas que servem o Parque do Ibirapuera, segundo informações para a divulgação da exposição “*Star Wars* Brasil”, que ocorreu no período do trabalho de campo (EXPOSIÇÃO, 2008). Desta soma, cito apenas algumas rotas, para exemplificar algumas das regiões abrangidas pelo sistema de transporte público de ônibus: Jardim Tremembé - Metrô Jabaquara, Heliópolis - *Shopping* Iguatemi, Piraporinha - Praça da Sé,

¹⁷ O contato com o campo nos seis meses de trabalho me cedeu pistas em relação ao poder aquisitivo do público que mora próximo ao parque do Ibirapuera, embora em nenhum momento eu tenha recorrido a censos e outras fontes de informações a este respeito. O preço dos aluguéis e o anúncio da venda de imóveis em ruas e avenidas próximas eram muito altos, com valores que exigem poder aquisitivo. As lojas e pontos de comércio da Avenida do Líbano também vendem produtos com preços acima do comumente encontrado. Pude comprovar isso ao pagar algumas fotocópias no dia 1º de Junho: o triplo do que geralmente se cobra para este tipo de serviço.

¹⁸ Sobre o sistema público de transporte da cidade de São Paulo, é importante frisar a criação do Bilhete Único, o qual garante que o sujeito possa utilizar várias conduções com uma única passagem e do Cartão Blá, que fornece desconto no bilhete de metrô aos sábados a partir das 15h.

Jardim Maria Sampaio - Metrô Ana Rosa, Grajaú - Praça da Sé, Cidade Dutra - Largo São Francisco.

Durante o período do trabalho de campo, foi notório que o fluxo nos dias de semana era formado, além dos grupos de escolares, por usuários que residiam nas proximidades do Parque do Ibirapuera, os quais chegavam a pé ou de bicicleta; diferentemente dos finais de semana, quando o aumento da frequência era traduzido por pequenas excursões, famílias, grupos de jovens, times, *skatistas*, os quais chegavam até o parque principalmente utilizando-se do sistema de transporte público. Pude observar isso na manhã do dia 4 de maio, quando fiquei algum tempo próximo ao ponto de ônibus do portão 10 observando os passageiros que desciam do ônibus rumo ao Parque do Ibirapuera: famílias inteiras, amigos, namorados e adolescentes. Em contrapartida, na segunda-feira do dia 3 de março o movimento dos usuários registrado de um banco na entrada do portão 9 aponta apenas a entrada de grupos pequenos de ciclistas, corredores e pessoas mais velhas, sozinhas ou aos pares.

No início do trabalho de campo, quando minhas visitas ao parque eram intercaladas entre os dias de semana e o sábado e domingo, era notável a diferença observada entre os usuários e o “ritmo” do parque nestes dois trechos da semana. As anotações do dia 10 de março podem ilustrar esta idéia. Chego ao parque às 11 horas, o ambiente é o de uma segunda-feira típica: corredores, em sua maioria de meia idade, apresentam-se junto com a manhã de trabalho na capital paulistana. Óculos escuros, bonés, shorts e camisetas com estampas de alguma corrida ou maratona da qual participaram. Este uniforme é facilmente identificável naqueles que utilizam o parque nos dias de semana. Para além da idéia de servirem como marcador de classe, representam um “modelo” para a qualidade de vida, na qual a atividade física e a disposição para o aproveitamento sadio do tempo são quesitos centrais, complementados pelo traje e pelos acessórios.

Nas manhãs de segunda à sexta feira, além dos corredores, invariavelmente o parque é composto por algumas bicicletas, poucas se comparadas ao número observado nos finais de semana. Há também passeios com bebês - como pude observar nos dias 10, 11, 18 e 19 de março - e cachorros. Neste dias, foi possível notar principalmente mães e babás empurrando carrinhos de bebê na pista central. Há também cachorros, de várias espécies. Com exceção dos alunos oriundos de excursões escolares, quase não há crianças nas dependências do parque nesses dias. Na visita feita no dia 18 de março, fiquei parte do período da manhã no *playground* próximo às

quadras, e nesse tempo observei apenas duas crianças bem novas (que possivelmente não estavam em idade pré-escolar) brincando ali com seus pais.

Os usuários aparentam ter boa condição financeira, não só por sua apresentação física: pelo *shorts* de corrida e tênis próprio para o *running*, óculos escuro, capacetes e uniformes completos para os ciclistas; como também pelos assuntos ouvidos enquanto eu caminhava próximo a eles, os quais: problemas na empresa, conflitos familiares de herança, discussão da bolsa de valores, viagens ao exterior, entre outros assuntos guiavam a marcha apressada dos casais, amigos e vizinhos.

Estas observações, em geral, apresentavam muitos aspectos diferentes daqueles que poderiam ser encontrados nos finais de semana e feriados, quando o fluxo de usuários no parque se alterava muito. Manhã de sábado, dia 15 de março, às 11 horas na alameda da entrada que faz ligação com o portão 4, o fluxo de entrada é grande. Descendo dos ônibus, muitas famílias chegam ao parque: pai, mãe, filhos, primos, irmão mais velho, tia, avó. Em média, os grupos se constituem de três ou quatro pessoas, mas às vezes passam dos dez. Caracterizando-se pelas mãos dadas, as famílias trazem mochilas e sacolas com lanches para o desfrute do programa do dia livre.

Entram também vendedores de sorvete, casais de namorados, senhores e senhoras guiando cachorros, grupos de amigos, adolescentes, universitários, esportistas, entra a “turma” do basquete; todos dispostos a passar uma parcela do final de semana no parque. Há também aqueles que entram com acessórios e equipamentos específicos para determinada prática de exercício físico (um “polar”, por exemplo). A bicicleta profissional do ciclista entra ao lado da bicicleta recebida como presente de aniversário pelo menino, e agora ganharão juntas liberdade de movimento nas alamedas do parque.

As diferenças notadas entre os usos do parque nos dias e finais de semana ganham substantivos e adjetivos múltiplos com nos dois momentos descritos anteriormente. O exercício de comparação/oposição proporcionou durante o tempo de pesquisa de campo a marcação das diferenças em distintos locais do parque, como ocorreu com a marquise, por exemplo. O vão livre, geralmente esvaziado nos dias de semana, recebe usuários apenas nos finais de tarde e início da noite, quando grupos de corredores e praticantes de atividades físicas são monitorados por *personal trainers* em exercícios e treinos específicos, como ocorreu nas observações do dia 20 de março. Neste dia, um monitor guiava vários exercícios de alongamento de um grupo de

quatro mulheres e três homens. Nos finais de semana, o espaço é outro: centenas de usuários, em sua maioria jovens e adolescentes do sexo masculino, empreendem manobras sobre *skates*, *bikes* e patins.

A diferença entre os usos nos dias “comuns” de trabalho e o sábado e domingo é percebida também por meio dos sons. Neste caso, o cotidiano da segunda-feira se apresenta mais silencioso, em oposição à poluição sonora da Avenida Pedro Álvares Cabral, que delimita a face norte do parque. A presença contida, e a sensação de calma na segunda-feira do dia 10 de março visivelmente se contrapõem aos excessos e às extroversões observadas pela diversidade do público usuário no sábado e no domingo, causados, entre outros, pela presença das crianças nos *playgrounds* do parque, pelos vários grupos de adolescentes com violão, ou pequenas “festas”, geralmente feitas nas mesas de piquenique no bosque em frente à marquise, como a que ocorreu no dia 3 de maio. Um grupo de cerca de quinze pessoas amarraram balões coloridos pelas árvores, trouxeram toalha xadrez, refrigerantes e bolo de aniversário à espera de uma amiga que chegaria algum tempo depois para ser surpreendida por um “Parabéns a você”.

De certo modo, os usos observados correspondem ao estatuto do trabalho e ao lazer formado a partir da modernidade. As diferenças notadas entre o dia de semana, trabalho e o final de semana mostraram marcas que o distinguem entre si: no primeiro caso, ligado ao dia do trabalho e no segundo ligado ao dia de lazer. É possível afirmar que a rotina dos turnos e a configuração do trabalho produtivo tomam o intervalo dos cinco dias de semana para o “trabalho sério”, condição que libera o sujeito para o lazer e para o uso do Parque do Ibirapuera apenas no sábado e no domingo.

É importante frisar também que com o desenrolar desta primeira fase da pesquisa, foram eleitos prioritariamente os finais de semana e feriados para as idas ao parque, intercalados entre os períodos matutino e vespertino. Até o segundo estágio da investigação aconteceram visitas em diferentes dias da semana e ocasionalmente à noite (duas visitas)¹⁹. A escolha pelos finais de semana e feriados ocorreu por tratar-se dos dias cujas visitas ao Parque do Ibirapuera

¹⁹ Apesar do funcionamento noturno diário do Parque do Ibirapuera, optei por limitar as observações apenas durante o dia.

facilmente multiplicavam com relação à frequência nos demais dias da semana²⁰, fato que poderia acarretar maiores possibilidades de novos usos.

Além deste fator, o contato com o parque nestes dias proporcionava a noção de multidimensionalidade que a cidade apresentava por meio da diversidade de frequentadores. Os horários de permanência no campo seguiam, via de regra, os hábitos de chegada e saída por parte dos usuários, entre as nove e as dezoito horas, apesar dos portões do Parque do Ibirapuera abrirem às cinco horas da manhã e fecharem apenas à meia-noite.

Em dois casos de visitas, no dia 16 e no dia 30 de março, cheguei ao Parque do Ibirapuera às 7 horas e às 8 horas da manhã, respectivamente. Observei que o fluxo de pessoas só começava de fato depois das 9 horas da manhã, horário em que chegavam os vendedores ambulantes para armar seus pontos de venda na pista central e nas imediações da marquise. Nas visitas dos dias 22 de março e 5 de abril permaneci no parque até às 20 horas, e percebi que o movimento de pessoas caía consideravelmente depois das 18 horas. Em conversa com um vendedor próximo à marquise no dia 5 de abril, ele disse que “depois das 7 horas da noite, só fica uns gato pingado por aqui”²¹, evidenciando o que tinha notado nestes dois dias de “observação noturna”²². Por razão do baixo número de frequentadores na primeira parte da manhã e durante a noite, decidi concentrar minhas observações nos horários acima especificados.

A partir disso, delineou-se o segundo momento do contato com o Parque do Ibirapuera. Neste estágio, o esforço ocorreu no sentido de escolher trechos do parque que fossem mais significativos para sustentar ou refutar as construções feitas sobre a temática da pesquisa. Depois de 14 visitas aos *playgrounds*, à pista de *cooper*, às quadras, à marquise, ao bicicletário²³, à pista central, aos museus e espaços de exposição, aos lagos, ao viveiro de mudas, entre outros, alguns destes espaços mostraram se mais pertinentes para fomentar os principais pontos da discussão

²⁰ Segundo informações de um panfleto intitulado “Guia do Parque Ibirapuera”, distribuído pela administração, a frequência média de usuários por dia sobe de 20 mil de segunda a sexta feira para 70 mil no sábado e 130 mil usuários no domingo.

²¹ Corruptela para “há poucas pessoas por aqui depois das 19 horas”.

²² Ressalto que os usos noturnos do Parque do Ibirapuera também podem revelar pistas significativas para o tema deste trabalho. Como a partida de hóquei sobre patins que pude observar na noite do dia 22 de março, ou os diversos encontros de homossexuais e “sexo ao ar livre” nestes horários, que compõe a fama de área gay do parque na cidade de São Paulo. Porém, decidi conferir ao contato com o campo um certo “recorte diurno”, para não me enveredar por questões que não conseguiriam ser respondidas pelos objetivos e pelo caminho teórico trilhado neste projeto.

²³ Considero conveniente explicar como funciona o bicicletário do Parque do Ibirapuera. Trata-se de um setor de alugueis de bicicletas, onde existem duas pequenas empresas prestadoras deste serviço. Pagando o valor de cinco reais, o locatário aluga a bicicleta por uma hora. Aberto apenas aos finais de semana e feriados, o bicicletário apresenta intenso fluxo de pessoas o dia todo.

pretendida, principalmente a marquise e a pista central, por congregarem diferentes possibilidades de usos em um mesmo local.

Com este primeiro contato, foi possível notar que nos museus e espaços destinados às exposições praticavam-se usos que destoavam daqueles observados em outras áreas do parque. No que concerne à noção de tempo e às supostas “funções” do lazer no parque urbano, estes lugares eram vivenciados como espaços anexos ao Parque do Ibirapuera. Na *Natural Tech* - Feira Internacional de Produtos Naturais, Alimentação Saudável e Medicina Complementar que ocorreu no final de semana do dia 22 de abril, as dezenas de *stands* montados recebiam um público que supostamente frequentava o parque naquele dia com o objetivo principal de visita ao evento.

Fato semelhante ocorria com algumas exposições, além do que o lazer nestes espaços se apresentava com especificidades que a discussão travada por esta pesquisa não daria conta de responder (as relações com a arte, por exemplo). Por isso tomei a decisão de me afastar destes espaços e centrar as observações em outros.

A escolha por espaços como a marquise e a pista central ocorreu devido às características de multiplicidade de usos que são feitos desses locais. Ambos partem de uma condição de versatilidade, característica que garante diversidade no conjunto dos usos que podem ali ser desenvolvidos tornando-os *locus* interessante para uma análise em torno da ressignificação. Na marquise, foram diversos os usos desenvolvidos por parte de *skatistas*, patinadores e ciclistas de rua, que dividiam o espaço com orquestra (no dia 12 de abril), apresentação de coral (no dia 13 de abril) e demonstrações de dança (dia 6 de julho). Ao caminhar pela pista central era possível tanto o encontro com corredores, ciclistas e patinadores, quanto o encontro com artistas de rua (8 de junho e 25 de maio) e feiras em seus arredores, como uma pequena feira de saúde que ocorre ocasionalmente em um ponto armado próximo ao Pavilhão Japonês, a exemplo do dia 5 de julho.

No terceiro momento ocorreu a aproximação mais microscópica (GEERTZ, 1989) com o campo, com as quantidades e os fluxos observados, as normas que se repetiam no uso da pista, os picos de frequência ao longo do dia, a chuva ocasional, os eventos pontuais.

Nesta fase, a impregnação pelos estímulos visuais e elementos que me pareciam significativos propiciou contatos com os sujeitos, ocorridos de forma não linear. As perguntas e

diálogos ocasionais com alguns deles eram intercaladas por horas de observação frente às cenas que se passavam nestes espaços.

2.1 Proposta de análise

Como metodologia de trabalho, recorri à pesquisa de cunho etnográfico para compreender os dados fornecidos pelo Parque do Ibirapuera. No tocante à compreensão do campo, esta escolha ocorreu pela pertinência deste método com os interesses deste estudo, uma vez que a partir dele é possível focar as pistas fornecidas pelo cotidiano. Seu caráter interpretativo e microscópico (GEERTZ, 1989) auxilia na compreensão dos significados e no caminho até a relação necessidade/estratégia, percebendo como se estabelecem os usos na realidade prático-sensível (LEFEBVRE, 2006) do espaço urbano.

É preciso salientar que este método não se confunde nem se reduz a uma técnica (MAGNANI, 1998). Pode usar ou servir-se de várias delas, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Por isso é difícil afirmar que esta pesquisa tem como técnicas principais a observação direta ou as entrevistas semi-estruturadas. Antes de transportar o observado para o texto, precisei entender o modo como as impressões me acometiam, e qual a posição que deveria eleger como seu interlocutor nesta pesquisa, como os usos se materializavam no Parque do Ibirapuera e que elementos eles poderiam suscitar para a discussão das questões norteadoras desta investigação.

Outro ponto central, esclarecido por Magnani (1998, p. 122), é que o importante para a elucidação do método: “não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento”. A natureza da explicação pela pesquisa de cunho etnográfico, portanto

[...] tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações que inicialmente se mostravam dispersas, indícios soltos, numa nova ordem que não é mais aquela nativa (mas que parte dela) nem aquela com a qual o pesquisador iniciou a sua pesquisa (MAGNANI, 2002, p. 17).

Este empreendimento metodológico auxilia, portanto, a desmistificar os pressupostos do pesquisado, dotando o trajeto investigativo o tempo todo de noções da realidade. Por isso mesmo, o resultado final, negando ou afirmando as possibilidades apriorísticas, tende a ser mais denso

que o esquema teórico inicial anterior, pois tem como referência o “concreto vivido” (MAGNANI, 1998). Neste sentido, este caminho mostrou, de certo modo, alívio para uma série de questões inicialmente nubladas pela distância entre a teoria e a pesquisa empírica. Aliado ao processo de aproximação com o lugar vivenciado (CERTEAU, 1994), esta contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que:

[...] o uso guarda o sentido da vida que não está presa ao universo da dominação imposta pelas necessidades do poder público, que produz o espaço homogêneo das grandes avenidas, dos conjuntos sempre iguais ou dos edifícios públicos, nem àquele dos empreendedores imobiliários que fragmentaram o espaço para vendê-lo em pedaços, mas volta-se à apropriação para a vida. A perspectiva que se abre é considerar a cidade enquanto prática social, processo segundo o qual um indivíduo ou grupo se aproprie, transforme, em seu, algo exterior, de modo que se pode falar de tempo e espaço urbano apropriados por um grupo que modelou a cidade (LEFEBVRE, 1967, p. 186).

Significa pensar que a cidade tem uma vida social profunda e rica, além dos muros que porventura podem reduzi-la aos aspectos econômico e social. Ao colocar o foco sobre os espaços e seus usos, passo a concebê-los como lócus da atividade, lugar de direcionamento e de construção de estratégias para a manutenção ou para a ruptura do sistema.

Pela centralidade que a atividade detém nesta perspectiva, é possível endossar o caráter definatório contido na intencionalidade. A concepção da psicossociologia de Munné (1980) vai ao encontro da problemática da ressignificação quando estabelece a bivalência entre o autocondicionamento e o heterocondicionamento na tomada de decisões. Por este caminho é possível pensar dialeticamente sobre o dualismo existente entre lazer e trabalho, tempo livre e tempo ocupado, além de outras polarizações.

Numa fase após as visitas, desenvolveu-se uma pesquisa documental junto ao Arquivo Técnico do Parque do Ibirapuera, localizado na UMAPAZ – Universidade Livre do Meio Ambiente e da Cultura da Paz, onde pude ter acesso a diversos documentos e reportagens referentes à história do parque²⁴.

O desenvolvimento da revisão bibliográfica, da pesquisa documental e posteriormente das observações mostrou a repetição de alguns pontos, os quais são discutidos a partir da tensão entre as categorias urbanismo e urbanidade; espaço liso e usos; diversidade, além do movimento de contração do espaço. Para tratá-los são feitas incursões no lazer e no cotidiano na cidade de

²⁴ Esclareço aqui que o contato com este arquivo só foi possível nesta fase da pesquisa, pois o mesmo se encontrava em processo de mudança de sede e reorganização dos documentos, motivo pelo qual ele permaneceu fechado ao público até o mês de julho de 2008.

São Paulo, bem como no desenvolvimento do Parque do Ibirapuera ao longo do século XX. Este conjunto cede ao trabalho elementos para a parte central desta pesquisa, qual seja, os usos e a possibilidade do espaço para o tempo livre.

Ao contrário de possíveis planos de trabalho semi-estruturados, as estratégias do contato com o campo foram fornecidas pelo conjunto todo, daí o esforço em deixar abertos os procedimentos para a interpelação dos fatos apresentados durante as idas ao campo, em que pese as repetições das categorias e normas observadas. Esta situação endossa a condição “errante” atribuída ao pesquisador por Lefebvre (2006, p. 88): “ser errante é estar imerso no cotidiano, estabelecendo ações que dotam a cidade de vida, de liberdades e libertinagens que carregam uma utopia experimental”.

Imagino que seja pretensão colocar certas relações que por vezes tenderão a ser tacitamente aceitas pelos leitores do texto. Para amenizar esta possibilidade, busco enxergar esta pesquisa como uma tentativa de ponte entre o dito e o praticado, entre a cidade configurada e o lazer tomado pela lógica da mercadoria; as possibilidades de fuga, e as atitudes delinquentes, sugeridas por Certeau (1994, p. 215): “onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é *diégese*, como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada (guia) e passa através (transgride)”. Fazemos então uma travessia por meio dos usos do espaço e pelo lazer no Parque do Ibirapuera.

3 QUESTÕES GERAIS SOBRE O ESPAÇO E O PARQUE DO IBIRAPUERA

A cidade contemporânea é produto da organização capitalista do espaço (LÉVY, 1999). A partir desta condição, ela traz materializadas as normativas do desenvolvimento do capital. Neste caso, é possível observar valores como a mais-valia e o trabalho produtivo nas mais diversas formas de apresentação do espaço urbano.

No trajeto até o Parque do Ibirapuera durante o trabalho de campo, era visível notar a supremacia de alguns implementos gerados pelo desenvolvimento urbano sobre os sujeitos. Os carros, por exemplo, hoje ganham espaços que antes eram dos pedestres, a auto-estrada e o trânsito veloz tomam a vez da rua e da caminhada tranquila. O giro rápido da mercadoria sobrepuja os interstícios²⁵ da cidade na forma de pontes, rios canalizados, desapropriações e loteamentos de terrenos. O centro empresarial suplanta o centro velho e os prédios antigos e ruelas estreitas tornam-se arquétipos de uma economia passada e obsoleta frente às novas exigências de compra e venda de serviços (CARLOS, 2001).

Ao debater sobre a organização capitalista do espaço Lévy (1999) nos alerta para que as atividades, ou seja, as experiências vividas, as demandas requeridas, os resultados inesperados, são DA cidade e não NA cidade. Esta afirmação indica que os problemas existem em decorrência do processo de produção do espaço (LEFEBVRE, 1986), e que não devem ser traduzidos como “males” sintomáticos da cidade. Para tratar desta questão, Lefebvre (1986) aponta que é preciso questionar os processos que formam seus produtos. Pela análise da construção do espaço urbano a cidade não é tomada como corpo cujos males devem ser expurgados, mas como conjunto sistêmico, dotado de complexidade na qual os resultados ocorrem no processo de produção da mesma.

O recorte dado ao estudo do urbano, tanto por Lévy quanto por Lefebvre, incita a retomada da observação atenta da realidade, da materialidade construída no cotidiano das grandes cidades. Para ambos, o ponto de partida é o concreto. E a partir dele, é possível deduzir que estamos em uma civilização urbana (LÉVY, 1999) conforme os indícios observados no trabalho de campo desta pesquisa, que revelou o tempo todo pistas deste estado: a noção de tempo

²⁵ Considero o substantivo “interstício” um bom termo para designar o *locus* onde a realidade pode apresentar resistência. Espaços onde são possíveis as fugas dos ordenamentos impostos pelo sistema, pelo modo de produção capitalista.

contraído, a passada apressada, o relógio, o excesso de informações, o espaço comprimido. Características como estas eram constantemente notadas na passagem pelo metrô durante as idas ao campo: a aglomeração fazia redobrar a atenção no movimento pelas escadas e corredores. A baldeação da estação Sé da linha vermelha para a linha azul, sentido Jabaquara, por vezes, era a parte mais tumultuada do trajeto, onde centenas de pessoas empurravam-se para entrar no próximo trem.

Certeau (1994) auxilia neste debate da definição de espaço, apresentando sua diferença com relação ao conceito de lugar. Diz o autor:

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que o define. Um lugar é, portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam, o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar não tem, portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. (CERTEAU, 1994, p. 201).

A contribuição de Certeau (1994) é fundamental para a discussão do tema neste trabalho, principalmente porque reitera a idéia do movimento, do câmbio ininterrupto da construção do espaço. Ao defender que este é, de certo modo, um lugar praticado, Certeau (1994) coloca o foco de análise também nos usos que são feitos dos mesmos. O espaço não deve ser tomado como localidade, mas como um conceito composto por duas forças básicas, segundo o entendimento de Santos (1996): é um conjunto indissociável de objetos (materiais, imateriais, naturais e artificiais) e de ações mediadas por normas.

Se o espaço associa o que, pela origem, tem idades e pretensões diversas, tais coisas são todas, a cada momento, movidas e vivificadas por uma lei única, a lei do hoje (SANTOS, 1988), a que se submetem todas as relações sociais. Daí a justificativa do foco no uso, nas atualizações constantes do espaço pelos sujeitos.

A Avenida Pedro Álvares Cabral, que circunda o Parque do Ibirapuera pela parte norte e leste, observada no dia 13 de setembro na altura do cruzamento com a Avenida Brigadeiro Luís Antonio, projeta-se como espaço no exato momento em que pode ser apreendida de acordo com as inúmeras variáveis que a constitui pelos seus fixos e fluxos (SANTOS, 1988). O volume de carros, a repetição gerada pela abertura e fechamento dos semáforos, as marcas de pneus no asfalto, a ansiedade estampada na face do motorista, os pedestres à espera do sinal verde, a frieza do dia de céu branco, os ruídos emitidos pelos veículos, o Monumento às Bandeiras²⁶ a ser reformado, emoldurado por peças de madeira. Sinais distintos e infinitos, que versam a respeito do sistema pelo conjunto de produtos apresentados, dizem sobre a conduta humana, marcam história na constituição de um todo indivisível e constantemente alterado.

Trata-se de uma grande lei dos movimentos de fundo, dada pelos modos de produção e seus momentos, responsável pelas mudanças grandes e gerais, e pela criação de novos objetos, enquanto as relações que se estabelecem entre os homens por meio dos objetos novos e dos antigos também se submetem a uma lei menor, como se, na vida da sociedade e do espaço, existissem um motor movente e um motor movido. O espaço disso resultante pode ser tratado como um conjunto inseparável de fixos e fluxos. Se a definição dos fixos vem da qualidade e quantidade (ou densidade) técnicas que encerram, a definição dos fluxos deriva de sua qualidade e do seu peso políticos (SANTOS, 1988)

Tal oposição é necessária. Ela é indispensável para distinguir entre o processo imediato de produção, cuja definição é técnica, e as formas que garantem a existência do produto, ou seja, da circulação, distribuição e consumo, das formas de configuração do espaço cujas decisões são tomadas, em sua maioria, no campo político.

O Parque do Ibirapuera representa a união dos fixos e dos fluxos (SANTOS, 1988) que coexistem na sua produção, que em outra época determinavam outras funções, formas de interação específicas entre o prédio e o sujeito, entre a pista e o corredor. Este conjunto de mudanças pode ser observado pela investigação dos modos como ocorre empiricamente esta relação.

²⁶ Escultura de Vítor Brecheret, projetada em 1921 e inaugurada em 1954.

Uma contradição presente no espaço urbano se faz com referência ao seu desenvolvimento desprovido de urbanidade²⁷. Para discutir tal questão, Lévy (1999) utiliza-se dos conceitos de métricas pedéstricas e métricas automobilísticas. A primeira faz menção ao modo como o sujeito apreende a cidade caminhando a pé pelas ruas, ou através dos usos dos transportes coletivos. Por esta perspectiva há mais possibilidades de vivenciar as oportunidades oferecidas pela apropriação mais íntima entre sujeito e espaço. O encontro inesperado, a troca de olhares, a cena fugidia, o esbarrão com determinado obstáculo, a descoberta dos atalhos... Nesta percepção a efetivação das relações sociais é, *a priori*, mais consistente, o que garante mais urbanidade à relação entre sujeito e espaço. Pelas métricas automobilísticas, o referencial do sujeito no espaço é o carro, condição que traz em si distanciamento de determinadas experiências com o urbano. Nesse caso, ao mesmo tempo em que o espaço é contraído, a velocidade cresce em sentido inversamente proporcional à proximidade com a cidade.

Influenciado por Foucault²⁸, Guattari (1985) cria o conceito de “espaço liso”, cuja principal característica é ser desterritorializado. Nele “[...] não haveria mais os mesmos tipos de circunscrições ou delimitações por emblemas étnicos ou religiosos, por exemplo” (GUATTARI, 1985, p. 112). Tornar o espaço liso seria submetê-lo à caracterização homogênea, dotar-lhe de assepsia e expurgá-lo da diferença e das tensões. Nesse sentido, as métricas automobilísticas condicionariam o espaço ao “alisamento” e as autoestradas são um bom exemplo para se pensar este movimento. Genericamente, não há nelas símbolos que nos remetam a particularidades ou aproximações com referenciais da identidade do local, de um espaço produzido socialmente dentro de tensões e produtos oriundos delas. É possível percorrer centenas de quilômetros com a sensação de estar em um mesmo espaço e não há muitos referenciais capazes de indicar mudança de lugar.

Ocupa-se um espaço liso e desterritorializado quando a sensação de um não-lugar²⁹, de uma inércia inteligível alcança os sentidos, os referenciais de localização geográfica. Percepções

²⁷ O conceito de urbanidade está diretamente relacionado à infraestrutura e à valorização do uso do espaço público. A diversidade e a densidade características do urbano são potencialmente capazes de articular o sujeito ao espaço, numa relação rica e dotada de sentido aos cotidianos na cidade. “Quanto mais a cidade conseguir mesclar a diversidade de usos e usuários do dia-a-dia nas ruas, mais a população conseguirá animar e sustentar com sucesso e naturalidade (e também economicamente) os parques bem localizados, que assim poderão dar em troca à vizinhança prazer e alegria, em vez da sensação de vazio” (JACOBS, 2001, p.121).

²⁸ Guattari (1985) apresenta uma metáfora que nos auxilia a entender sua relação com Michel Foucault. Segundo ele, enquanto Foucault faz uma leitura “anatômica” da realidade, ele cuida da “fisiologia” destas relações.

²⁹ Sobre o conceito do não-lugar, sugiro também a leitura de AUGÉ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

equivalentes podem ser produzidas ao transitar por galerias de *shoppings*, e por diversos espaços cuja homogeneidade (de cor, de cheiro e de formas) cobre as heterogeneidades e particularidades potenciais daquele determinado lugar.

Tomemos como situação hipotética a marquise do Parque do Ibirapuera vazia, todos os dias e em todos os horários. Ao caminhar pelo vão livre, no trajeto a pé por seus 620 metros de extensão, o sujeito poderia facilmente ter a sensação do espaço liso, homogêneo, transfigurado de seus símbolos, quase neutro às sensações e experiências significativas. Pelo contrário, a marquise só existe com as formas singulares que a contém, afastando-se de sua condição de espaço liso a cada uso que ali pode ser observado. No sábado, dia 23 de abril, permaneci sentado em um banco de frente para a marquise, observando três grupos de jovens e adolescentes sentados sob a mesma. Com violão e vestidos de preto, dotavam o espaço da marquise de marcas próprias, cedendo urbanidade ao local. Perto deles, dois jovens com *skate* praticam manobras utilizando-se de papelão como obstáculos para saltos. Mais a frente, cinco patinadores executam movimentos em ziguezague entre bocas de garrafas plásticas cortadas. Estas anotações do caderno de campo distanciam a marquise da noção de espaço liso, aproximando-a do burburinho (JACOBS, 2001) da urbanidade, pelos usos que os sujeitos fazem do espaço.

Na mesma direção, Jacobs (2001) nos alerta para a vivacidade do urbano quando propõe características que devem existir para que a cidade se constitua como espaço vivo de experiências. Uma de suas proposições diz que a maioria das quadras deve ser curta, ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes, dotando os cotidianos de possibilidades de novos encontros. Também diz que “o distrito deve ter uma concentração suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem os seus propósitos” (JACOBS, 2001, p. 121)³⁰. Estas características estão diretamente ligadas ao conceito de urbanidade, uma vez que aproximam o sujeito da estrutura, enriquecendo a noção do espaço urbano.

Nesse sentido, o parques urbano pode vir a ser um bom local para a observação da efervescência da cotidianidade na cidade, como foi revelado pelo Parque do Ibirapuera durante o trabalho de campo. A pluralidade de público encontrada principalmente nos finais de semana fazia com que o ele tivesse os mais variados usos, gerando ricos exemplos de urbanidade para o local.

³⁰ As outras duas características também versam a respeito dos prédios. Além de terem de atender a mais de uma função principal, o distrito deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, e incluir boa porcentagem de prédios antigos da região (JACOBS, 2001).

Domingo, 4 de maio. Cerca de trinta pessoas jogam voleibol e futebol adaptados em um gramado em frente às quadras poliesportivas. Pelas mochilas e pela mesa cheia de comida montada ao lado, o grupo se organizou para passar o dia no parque. Representam o *pedaço* (MAGNANI, 1998)³¹ de algum bairro da cidade que nesse dia se organizou para ir até lá se divertir.

A este, unem-se vários pedaços que aparecem espalhados em inúmeras práticas pelo parque durante todo o dia. Obviamente, o desenvolvimento do lazer aqui se diferencia das experiências proporcionadas pelo espaço do bairro. Contudo, a questão do anonimato é amenizada pela presença do grupo, causando a impressão de que aquele gramado é uma extensão da brincadeira desfrutada com os vizinhos na rua do bairro.

Conforme indicado na introdução, os motivos da escolha do Parque do Ibirapuera para este estudo se devem, sobretudo, à grande oportunidade de encontro ocasionada pela diversidade de atrativos e pelo denso número de frequentadores daquele espaço, principalmente nos fins de semana. A aglomeração está diretamente ligada à questão da urbanidade, visto que são inúmeras as possibilidades de experiências e usos do mesmo espaço que podem ser feitas por um elevado número de pessoas.

Contrário à noção de urbanidade impõe-se a idéia de urbanismo. Pelo segundo, o sentido de viver na cidade e usufruí-la como obra (LEFEBVRE, 2006) curva-se ao desenvolvimento para a eficácia da produção. Em uma primeira instância num nível de organização corporal, de rendimento do gesto, e posteriormente na configuração do espaço para a continuidade do fluxo rápido e tendencioso à compra e venda de mercadorias (LÉVY, 1999). Neste sentido, os trâmites do mercado imobiliário nos apresentam uma organização exemplar.

Geralmente, é possível dizer que um espaço custa o serviço que potencialmente pode prestar a seu comprador, o valor de troca em que podem ser convertidos seus significados. Sua proximidade a regiões centrais ou regiões periféricas e, no caso de imóveis comerciais, seu poder de acessar o consumo do cliente, são exemplos que fornecem ao espaço determinado conjunto de valores abstratos. Macedo e Escobar (2005) apresentam um mapa esquemático da região do Parque do Ibirapuera que fornece algumas pistas para a discussão deste tema no tocante às configurações que este conjunto de abstrações pode fornecer à construção do espaço.

³¹A categoria "pedaço" indica, entre outros, os códigos de reconhecimento e os laços de sociabilidade e reciprocidade existentes desde o núcleo familiar até um círculo mais amplo que envolve amigos, colegas e outros "chegados". O fator determinante são as relações que se estabelecem entre estes membros.

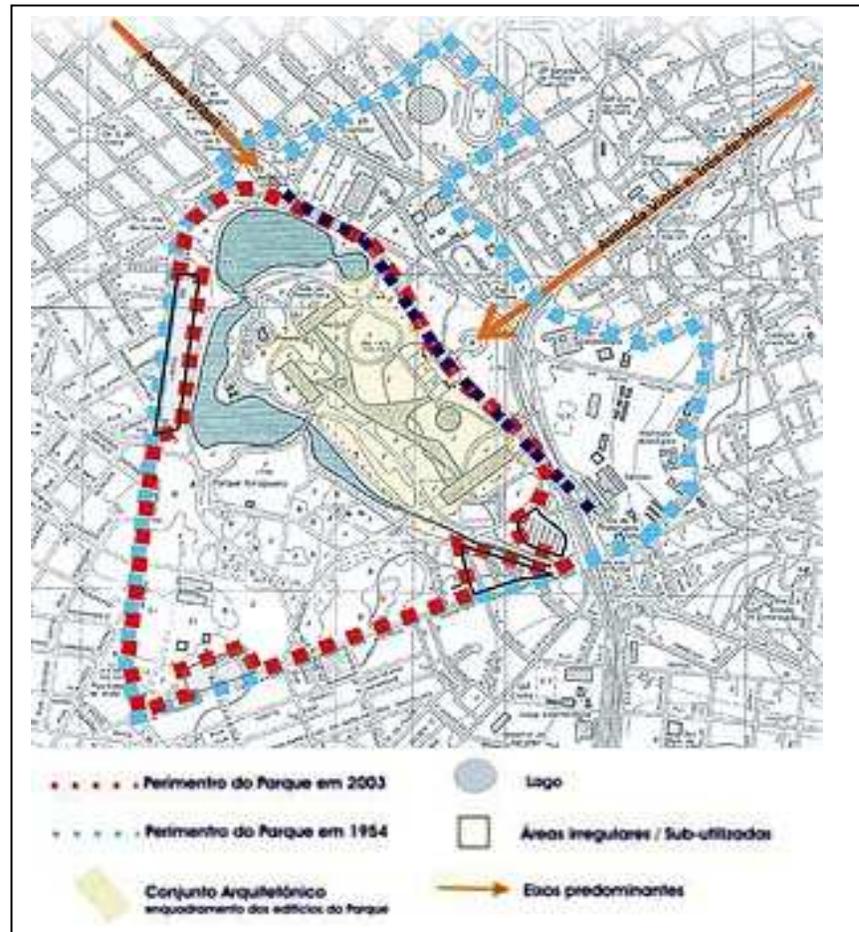


Figura 3 - Estudo para a análise do Parque do Ibirapuera. s/escala (2003). Fonte: Base: São Paulo (Estado) Secretaria dos Negócios Metropolitanos (Emplasa). Levantamento aerofotogramétrico / Folhas Cerqueira César e Ibirapuera. Escala: 1:10.000. 2 folhas. Editoração: Wesley Macedo.
Fonte: MACEDO; ESCOBAR, 2005.

Do encurtamento do perímetro observado no mapa é possível pensar em duas hipóteses. Ou a diminuição da área ocorreu devido às demandas de ordem infraestrutural (alargamento de avenidas, construção de áreas públicas, etc.) ou ela se deu pelo loteamento e venda dos terrenos próximos a área do parque. Esta segunda hipótese pode ser defendida uma vez que a criação do Parque do Ibirapuera valorizou exponencialmente os terrenos circunvizinhos, rendendo capital abstrato ao mercado de vendas de lotes naquela região.

Um outro ponto importante na compreensão do modo como o espaço se organiza é entender que o sistema estabelece seus posicionamentos pautados na divisão social do trabalho,

determinando classes e funções através das quais os sujeitos assumem colocação na sua configuração. Esta divisão acabou por gerar uma intensa especialização das atividades produtivas, com base no trabalho alienado³².

Destarte, o espaço é organizado para as atividades produtivas de modo correspondente ao grau de especialização das mesmas. Elucidando tal afirmação, para efeito de comparação tomemos como exemplo a cidade de São Paulo e a cidade de Itajubá³³, no sul de Minas Gerais.

Por constituir-se em uma região onde existe uma infinidade de produtos e serviços, São Paulo tende cada vez mais ao trabalho especializado, delineado para que os detalhes e formas de organização oriundas das transformações do mundo do trabalho garantam ao sistema tecnológico da produção (força de trabalho humana e máquinas) maior eficácia no processo. Esta forma de divisão do trabalho demanda peças, mão de obra, transporte e mercados também específicos. Este cenário fornece à cidade a necessidade de uma infraestrutura que garanta o fluxo de mercadorias que é colocada em circulação.

Em contrapartida, uma cidade de porte menor apresenta baixa especialização do trabalho produtivo, condição que pode ser reconhecida no seu espaço urbano. Na cidade de Itajubá não existem grandes avenidas porque a demanda de produtos e serviços ainda não requer a agilidade empreendida nos grandes centros, como é o caso da cidade de São Paulo. Além disso, há interstícios entre as diferentes forças de produção do espaço, agilidade *versus* lentidão, fundindo-se a todo o momento seja no comércio local, nas feiras ou na conversa calma entre os amigos na praça central.

A diferença entre ambas é que a tranquilidade do ambiente e a proximidade da natureza na cidade de Itajubá, de certo modo, freiam a velocidade que os estímulos da circulação de produtos tentam impor ao espaço. Na grande metrópole a tensão entre estas forças se apresenta de modo desigual, onde a urbanidade muitas vezes é suplantada pela pressa, em detrimento do burburinho, da economia da proximidade (JACOBS, 2001) e das demais qualidades que o espaço tende a perder para a configuração capitalista.

Entretanto, estes dois pólos – o potencial ilimitado de expansão do capital e a capacidade do sistema em contrapô-lo – se entrecruzam em uma relação que é dialeticamente

³² Apesar de estar diretamente vinculado às razões e aos problemas do lazer atual, não discutirei aqui o processo de formação e alienação do mundo do trabalho. Em tempo, dentre os inúmeros trabalhos sobre o tema, sugiro a leitura de ANTUNES, Ricardo (Org.). Os sentidos do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

³³ A escolha desta cidade, dentre outras tantas que se aproximam de seu perfil, se deve ao fato de ser minha cidade de origem.

possível. Assim, ao mesmo tempo em que o urbano formata o espaço na cidade de Itajubá (nas heranças do passado histórico, nas informações do presente e nas virtualidades do futuro), ele recebe a ação dos significados contrários aos que ele tenta engendrar, pela relação com o tempo, pela ocupação do espaço, pela vivência das cenas do cotidiano, pelos usos.

Paralelamente é possível tecer aproximações deste processo com o desenvolvimento de grandes centros urbanos e da interdependência entre eles. Dado que a especialização do trabalho dita princípios para a conformação das cidades, vimos que quanto maior for o grau de divisão do trabalho maior será a intensificação das relações econômicas. Este é o caminho para explicar porque se formam as regiões metropolitanas em torno de determinados centros economicamente bem sucedidos, bem como suas possibilidades de ligação com outros centros, criando uma espécie de hierarquia³⁴. A partir destes núcleos espraiam-se as demais cidades de acordo com a lei da oferta e da procura do mercado. Este tipo de organização garante que sejam mantidas redes que se comuniquem de acordo com a organização produtiva e com as demandas econômicas de cada cidade.

Outro ponto fundamental concernente à organização do espaço é o princípio expansivo do capital. Potencialmente ele é capaz de promover a desterritorialização dos lugares, nos mais diversos níveis de organização social, pelo princípio do lucro e da expropriação dos instrumentos de trabalho.

Conforme indica a idéia que abre esta seção, o sistema capitalista imprime regras à organização do espaço de acordo com os princípios e consequências discutidos acima. A esta altura é possível apontar que a organização capitalista também insere o lazer no processo produtivo, e conforme o valor e a abrangência que seus espaços ocupem no tecido urbano:

[...] a cidade constitui, em si mesma, o lugar de um processo de valorização seletiva. Sua materialidade é formada pela justaposição de áreas diferentemente equiparadas [...]. Assim, às diversas combinações infra-estruturais correspondem diversas combinações supra-estruturais específicas (SANTOS, 1994, p. 129).

Estas formatações do espaço obviamente imprimem ao corpo determinados valores, modos de como se posicionar, maneiras de se locomover, lugares que se deve ocupar. Desta

³⁴ Para tratar desta questão, há estudos na área da economia que versam sobre a problemática das cidades médias e pequenas cidades. Nesta discussão, é preciso levar em consideração as vantagens oferecidas e as parcerias estabelecidas entre estas cidades e a grande metrópole, de acordo com suas especificidades. A partir das articulações com sua *hinterland* (possibilidade de redes de relações econômicas diretas) é possível saber a posição e a função da cidade na organização que tem por parâmetro a hierarquia produtiva. Para aprofundar tal assunto, ler Correia, R. L. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

interação do sujeito com o espaço é que se constroem conceitos como lazer, moradia, trabalho, vizinhança. O sentido do lazer que este tipo de organização espacial sugere é, portanto, uma combinação entre infra-estrutura e supraestrutura, em acordo com as forças engendradas na formação de nossa sociedade. Este conjunto tem materializado nos parques urbanos uma gama de práticas que caracterizam um modelo de lazer em um modelo de espaço, ambos interceptados pela maneira de pensar de nossa civilização urbano-industrial.

Tanto a demanda quanto a oferta de trabalho são afetadas qualitativamente por relações de produção imbricadas na constituição do emprego, da posição do sujeito no mundo do trabalho e da circulação do capital – aspectos diretamente relacionados com a organização dos espaços na cidade. Novos viadutos e a contração dos equipamentos de lazer em grandes centros de compra, por exemplo, seriam consequências de uma lógica conformativa do sistema.

Em que pese a configuração engendrada pelo capitalismo ao espaço para a organização produtiva e ao lazer para o trabalho produtivo, há que se colocar em questão que mediante esta realidade (aparentemente determinada) vive o sujeito, empreendendo estratégias importantes para a tensão constante entre ser ativo e ser controlado³⁵. Sua ação, a partir dos novos usos que faz do lugar vivido (CERTEAU, 1994) traz como pressuposto a resignificação, a qual sugere que cada ato praticado pode ser possibilidade de transformação da realidade.

Neste sentido, é importante mencionar a diferença entre “fissura” e “ruptura” do sistema. Enquanto o segundo apresenta um mecanismo de superação do modo de produção atual, o primeiro denota o sentido de caminhar pelas brechas (CERTEAU, 1994). Tomando o Parque do Ibirapuera como um produto do modo de produção capitalista, ao analisar suas possíveis espacialidades e formas de ação pode-se encontrar inúmeras fissuras inerentes ao sistema, como por exemplo, o comício pelos direitos das mulheres que parou o trânsito em frente ao portão 9 no dia 8 de março pela manhã e virou mote para discussões políticas a respeito do assunto. Acompanhados de um carro de som e de diversas faixas, os manifestantes entoavam palavras de ordem e interceptavam os usuários que entravam no parque, apresentando as causas da realização daquele ato. Nesta manhã, aquela entrada do parque ganhou novo uso, revelando novas formas

³⁵ Como sugere o mito de Ícaro e a ênfase dada por este estudo na questão do uso dos espaços. A relação entre sujeito e estrutura tem sentido bidirecional de pensamento e ação: ambos se influenciam em uma relação que nem é estática e nem pré-determinada.

para aquele lugar enquanto causava fissuras na noção de tempo e espaço que geralmente era ali vivenciada.

Já que é possível afirmar que vivemos em uma sociedade organizada pelo trabalho produtivo, ao abordar o lazer por tema protagonizo uma incursão que tende a ser uma análise subversiva do espaço. Isso porque o espaço para o lazer (desde que este não seja entendido como compensatório) teria função de contrabalançar a organização da cidade norteada pelo espaço do trabalho, produção, circulação e venda de mercadorias. Investigar sobre este tema, portanto, é trabalhar no sentido de provocar fissuras no sistema, levantando problemas e suscitando questões em torno do tempo livre para uma sociedade que se organiza a favor do tempo produtivo.

A partir das questões observadas no campo e a fim de mergulhar na idéia de que o espaço destinado para o lazer pode se constituir como possibilidade de ressignificação do tempo, com vistas à superação da ordem estabelecida, ao meu ver é necessário trazer também para o debate mais algumas contribuições do olhar lefebvriano sobre o estudo do espaço.

Para entender o pensamento de Henri Lefebvre é necessário afirmar que o autor lança mão da filosofia, criticando a ciência parcelar³⁶ (LEFEBVRE, 2006). Dessa posição é que decorrem as categorias que levanta para pensar o espaço. Termos correntes em suas obras como método progressivo-regressivo³⁷ e *démarche*³⁸ ganham sentido ao considerarmos a posição da qual Lefebvre parte para pensar a cidade enquanto obra. Sua opção pela filosofia o auxilia na construção da crítica ao urbanismo e às ciências parcelares que planejam o espaço urbano em um movimento que perdura desde as transformações proporcionadas pelo surgimento da indústria no século XVII. As interpretações deste autor ocorreram a partir da observação e do estudo sobre a produção do espaço na França, seu país de origem.

Logo no início do seu livro “O direito à cidade”, Lefebvre (2006) trata da apresentação dos limites do sistema, da episteme e do conjunto de saberes o estudo do urbano aborda. Sob a forma de uma advertência inicial para o entendimento de seu livro, diz que não raro este mecanismo se faz necessário a fim de que as matrizes de pensamento possam ser encadeadas

³⁶ Por sua bagagem filosófica, para Lefebvre toda ciência é parcelar na medida em que se propõe à construção de verdades.

³⁷ Em sua trajetória, Henri Lefebvre cunhou algumas categorias de ordem metodológica que servem de referência para a análise de seus temas de pesquisa. Utilizarei-me delas ao longo do desenvolvimento do texto e, neste momento, apresento uma primeira: o uso da história pelo método progressivo/regressivo. As digressões/construções das idéias e argumentos podem ser intercalados pelo auxílio histórico, de dados e elementos que ajudem na compreensão do processo de produção do espaço, ou do significado do lazer em determinada época, por exemplo.

³⁸ Na versão em português não há tradução para este termo. A expressão que mais se aproximaria seria “caminho metodológico”, visto tratar-se de um recorte e de uma análise do objeto específica de Henry Lefebvre.

linearmente, de um caminho lógico que possibilite a ordenação dos conceitos, e que conceba um modo padrão de se estudar determinado assunto. Esta discussão subsidia toda a crítica que Lefebvre irá tecer sobre as ciências parcelares e o urbanismo em suas obras.

Ao tratar do problema da habitação, por exemplo, os planejadores das cidades privilegiam, sobretudo, o caráter técnico da incursão, do habitat suplantando o habitar (LEFEBVRE, 2006), qual é o valor de troca do imóvel, quanto custa determinada habitação segundo sua localização, sua função no espaço produtivo.

Apesar destes temas serem salutares para a discussão do espaço, ao observar o cotidiano dos sujeitos no Parque do Ibirapuera o recorte dado aos sentidos dos usos mostrou-se mais central para a temática desta pesquisa do que as relações de troca e de poder existentes na cidade.

Neste sentido, o projeto do Parque de Ibirapuera traz elementos para a discussão deste ponto que podem ser interessantes para pensar a questão dos usos do espaço. Na tarde de domingo, dia 15 de junho, avistei alguns garotos sentados no topo da Oca. Trata-se de uma construção esférica, na qual é possível realizar uma “escalada” até sua parte mais alta sem grandes dificuldades. Em frente à entrada do Auditório Ibirapuera uma placa de “proibido subir” e a presença de um segurança aguçam a vontade de caminhar pelo plano inclinado que caracteriza o desenho arquitetônico do prédio. Este fato observado ilustra de maneira interessante a imprevisibilidade dos usos do espaço que podem ser feitos pelos sujeitos. Embora houvesse proibição, ou restrições heterocondicionadas pelo sistema (seja através das placas de orientação, ou da presença do segurança), prevaleceu neste caso a vontade do sujeito, o modo como os garotos decidiram fazer uso do espaço.

O Jardim das Esculturas é outro exemplo que ilustra a idéia dos usos: contém instalações que sugerem a interação com o público. No dia 17 de agosto observei que um grupo de jovens se divertia na obra “Sectiones Mundi”³⁹ enquanto esperava a saída da excursão de seu colégio. Composto-se de um labirinto de blocos próximos, esta obra está a uma altura de cerca de 50 centímetros. Seu desenho imita círculos concêntricos, com algumas ligações entre si em alguns trechos, e interrupções em outros, formando uma espécie de labirinto. Nesta obra, é possível pular de uma área a outra, ação que era feita por mais ou menos 20 jovens naquela tarde. Foi possível notar interação com a obra de José Rezende (1997)⁴⁰ quando vi crianças

³⁹ Escultura em concreto e metal dos artistas Denise Milane e Ary Perez, de 1988.

⁴⁰ Sem título. Trata-se de uma série de folhas de cobre dispostas ou verticalmente em ângulo reto com o solo. A escultura tem cerca de 1 metro de altura, por 7 metros de comprimento.

arremessando pedras em suas placas metálicas neste mesmo dia. O contato com as placas causava distintos sons pelos timbres proporcionados por suas diferentes espessuras.

Estas foram situações que mostraram diferentes usos do espaço, em que pesem as regras estipuladas e proibições necessárias, no caso da Oca e do Auditório do Ibirapuera⁴¹. Pelo contrário, a questão da conformidade com a previsão antecipada do uso feito do espaço é aquilo que normalmente se encaixa nas deduções das ciências parcelares do planejamento de espaços deste tipo.

Admito que esta reflexão mostra-se importante na medida em que se trata do ponto no qual a subversão e a imprevisibilidade dos cotidianos⁴² operam. No limite, esta abertura de possibilidades nos forneceria a idéia de que o espaço para o tempo livre ocorre pelos diversos usos dos sujeitos em suas diferentes temporalidades/espacialidades, com vistas à superação ou à reprodução de noções padronizadas de espaço e de tempo. Este movimento aplica-se à consideração de que o sujeito é ativo na construção da realidade, diz que suas ações implicam mudanças na supraestrutura pela subversão observada no uso dos espaços.

Domingo, 29 de junho. Subo as escadas rolantes da Estação Brigadeiro de Metrô, e me deparo com o trânsito da Avenida Paulista, intenso mesmo no dia semanal de folga. Entre os carros, segue pela pista um ciclista que se esgueira enquanto tenta ultrapassar trechos de trânsito lento. Ele recebe muitas “buzinadas” por parte dos condutores, uma vez que “perturba” ainda mais o fluxo na avenida. O ciclista segue passagem, fazendo uso de um espaço que em outras épocas pertencia aos pedestres, e que hoje vem sendo cada vez mais atribuído ao domínio dos carros.

Este exemplo observado no campo traz pistas a respeito do poder que as novas formas de usos podem ter para transformar o espaço. Trata-se de uma forma de se fazer política a favor do uso da bicicleta. Tanto os movimentos sociais organizados e ONG’s a favor do uso da bicicleta, quanto o ciclista observado no trajeto do dia 29 de junho que se arrisca a costurar o trânsito da Avenida Paulista estão agindo politicamente. Ambos são capazes de gerar desconforto e reflexão e, no caso do ciclista, isto ocorre de forma direta por parte daqueles que o observam pedalando. O sentido da ação praticada em um tempo e espaço que se colocam como impróprios

⁴¹ Assim como a Oca, o Auditório do Ibirapuera apresenta um desenho arquitetônico que permite que sua parede seja escalada até o alto. Nele também há seguranças e placas indicando que é proibido a subida.

⁴² Santos (1994), ao falar do cotidiano, utiliza o substantivo no plural, pela justificativa de que existem milhares de cotidianos atuando no desenvolvimento do real.

para esta situação trazem à tona sentidos opostos de percepção sobre o uso da cidade, ressignificando-a.

Neste caso, o espaço apropriado pelo carro entra em conflito com o espaço apropriado pela bicicleta, gerando interrogações e colocando em xeque a supremacia do primeiro na organização do espaço. As velocidades questionam-se entre si, valores de respeito e de normalidade/subversão criam uma tensão que se materializa no real, no concreto proposto pelos elementos do espaço.

O aporte filosófico lefebvriano, calcado nas fronteiras de criação e de negação das forças que organizam o espaço têm lugar dentro de um conjunto de possibilidades que fazem com que elas funcionem no esclarecimento das idéias. “A reflexão põe em evidência as articulações para que as *decupagens*⁴³ sigam as articulações e não para desarticular o real (LEFEBVRE, 2006, p. 52)”.

Este autor posiciona-se, portanto, na tensão entre a ciência e a filosofia. Trazer suas construções para o plano concreto é um exercício complexo na medida em que ele opta por trabalhar com este par central de dualidade, com a contradição para a existência da cidade, na bivalência entre produto e obra. De um lado, o auxílio das ciências para a formação das continuidades e descontinuidades segue a mesma direção cartesiana no momento em que se pretende ciência dos determinismos e conhecimento das coações (LEFEBVRE, 2006). De outro lado, as lacunas ficam à margem e à mercê das costuras filosóficas, em detrimento do planejamento e da configuração produtiva espacial das cidades.

A contribuição do olhar lefebvriano para esta pesquisa é interessante na medida em que o autor trata do valor de uso (LEFEBVRE, 2006) na realidade prático-sensível da cidade. Ao discorrer sobre questões de ordem epistemológica que relativizam a ordem proposta pelo planejamento e pelo pensamento lógico urbano ele está, na verdade, abrindo campo para tratar das “fissuras” do sistema, conforme podem ilustrar os acontecidos ocorridos no Parque do Ibirapuera durante a pesquisa de campo.

Neste sentido, o trânsito entre as idéias levantadas para a contestação da realidade urbana posta e os exemplos de materialização da configuração produtiva indicados nesta seção

⁴³ Processo pelo qual o conceito descola-se do conteúdo. Ou seja, o movimento a ser feito obedecerá a determinadas articulações, visando finalidades para as cadeias de significação. Elas constroem o real pelos arranjos feitos, ao invés de contestá-lo. Para o urbanismo e o planejamento esta ferramenta seria útil para recortes sobre alguns temas, e a partir deles propor projetos de organização do espaço.

nos auxiliam no recorte do tema através da temática do espaço. Pelo olhar atento e crítico às materialidades disponibilizadas pelo real é possível discernir sobre a performance nos cotidianos. Este exercício pode influenciar nossas ações para possíveis desconstruções dos sentidos estabelecidos pelas ciências parcelares no desenvolvimento das cidades, incitando-nos a novos usos, a novas práticas de lazer rumo ao tempo livre.

4 DO LAZER AO TEMPO LIVRE

Tomarei o conceito de lazer por dois referenciais diferentes para debater a questão do espaço. Primeiramente, utilizarei os trabalhos de alguns autores da área, nos quais genericamente é possível encontrá-lo conceituado como forma dominante de apropriação do tempo livre pelo trabalho, sob a expressão de determinações políticas, culturais e sociais. Em seguida, abordarei a leitura de Frederic Munné para tratar da criação de novas cadeias de significados para os espaços de lazer.⁴⁴

Pelo primeiro caminho, inicio o debate me aproximando da tese defendida por autores como Mascarenhas (2000) e Padilha (2003), os quais concebem o lazer como um fenômeno moderno, gerado a partir das alterações criadas pela revolução industrial. Esta posição implica distanciá-lo da noção clássica de ócio⁴⁵, afiliando-o ao mundo do trabalho e às transformações advindas desta fase de intensas mudanças, na qual está presente o estabelecimento do urbanismo como modo de pensar e organizar o espaço. Nas palavras de Mascarenhas (2000, p. 34):

O lazer se constitui como um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia.

O espaço no qual ocorre a materialização do lazer constitui-se pela tensão entre as forças de organização da sociedade, empreende-se daí que as vivências lúdicas dos que o praticam também o são. Para tanto, o sistema inicialmente precisa incutir na ação do sujeito intenções que sejam voltadas para os atributos do trabalho aos moldes do modo de produção capitalista. Trata-se de uma espécie de preparo da mão de obra para o trabalho alienado, processo no qual o corpo é o primeiro instrumento de acumulação (HARVEY, 2004).

O tempo livre⁴⁶ do trabalho atua nesse modelo como tempo para um lazer instrumentalizado pela atividade produtiva, o qual está diretamente vinculado ao processo de urbanização das cidades. Ao espaço projetado para a circulação de mercadorias (fábricas, grandes

⁴⁴ É importante frisar que para a escrita desta parte do texto foram substanciais as contribuições das leituras e discussões do Grupo de Estudos e Pesquisa em Política Pública e Lazer, coordenado pela professora Sílvia Cristina Franco Amaral, ao qual estou vinculado.

⁴⁵ Ver MASCARENHAS, F. Em busca do ócio perdido: idealismo, panacéia e predição histórica à sombra do lazer. In PADILHA, V. (Org.). Dialética do lazer. São Paulo: Cortez, 2006.

⁴⁶ A conceituação do tempo para o lazer é uma das questões mais polêmicas na produção de conhecimento da área. Munné (1980) elenca cinco panoramas diferentes: aquele que acontece depois do trabalho, aquele livre das necessidades e obrigações, aquele livre das necessidades e obrigações cotidianas, e que se emprega como bem quiser e aquele destinado ao desenvolvimento físico e mental do homem com fim em si mesmo.

avenidas, portos, etc.), o espaço de lazer aparece como apêndice necessário (uma praça com árvores ou um lago circundado com uma pista para caminhadas, por exemplo) à vida na cidade, temperada principalmente pelo esforço e pela correria dos trabalhadores.

Assim como o urbanismo traça as diretrizes para o desenvolvimento das cidades, esta forma de se pensar os espaços de lazer está atrelada ao modo como o estatuto do trabalho foi montado desde as transformações advindas a partir do século XVIII. Destarte, para pensar os espaços de lazer e o Parque do Ibirapuera, é preciso considerar as mudanças ocorridas no mundo do trabalho no século XX. Há delas vários processos oriundos, entre os quais podemos citar o fenômeno da flexibilização do mercado.

Este fato incide diretamente na discussão do lazer, pois relativiza as barreiras do tempo de trabalho. Este já não é feito apenas dentro das fábricas, portanto, passa a ser cada vez mais complexo mensurar as horas de trabalho, segundo os parâmetros herdados da revolução industrial. O diálogo entre dois senhores, acompanhado enquanto fazia minhas anotações de campo junto à pista central no dia 12 de julho, evidenciou esta falta de limites entre lazer e trabalho. Eles conversavam sobre uma apresentação da empresa que seria feita na próxima semana, que tópicos deveriam rever e pontos fracos. Faziam isso quando suas filhas adolescentes chegavam de um passeio de bicicleta.

Ao invés do horário estanque de trabalho/não trabalho proporcionado pela instituição dos turnos, a regra tende a ser a capitalização integral do tempo para ele. Neste caso, discorrer sobre o lazer passa a ser discutível uma vez que ele está militarizado (VIRILIO; LOTRINGER, 1983) para funcionar a favor da produção. Lafargue (2000) narra já em 1880 o que viria depois do trabalho alienado, alegando que é no descanso o momento que o trabalhador faz girar, pelo hábito de consumo, o sistema capitalista.

[...] diante dessa dupla loucura dos trabalhadores, que é matar-se com um trabalho excessivo e vegetar na abstinência, o grande problema da produção capitalista não é mais encontrar produtor e redobrar suas forças, mas descobrir consumidores, excitar seus apetites e neles criar falsas necessidades (LAFARGUE, 2000, p. 96).

Além do descanso para a nova rotina de trabalho, há no lazer também a questão da propensão para o consumo. Para Lafargue (2000), o tempo compreendido entre os turnos auxilia na criação de novas demandas, mercadorias a serem produzidas. O lazer aos poucos passa a significar momento do consumo, hiato entre o tempo de trabalho que contraditoriamente pode gerar mais trabalho. Esta condição também foi levantada por Harvey (2004, p. 151):

O trabalhador não se vê nas trilhas do capital variável como produtores e agentes de troca, mas igualmente como consumidores e como reprodutores de si mesmo. Uma vez com dinheiro, o trabalhador é dotado da autonomia vinculada e toda prática de mercado: é o próprio trabalhador que converte o dinheiro nos valores de uso que deseja: é ele quem compra mercadorias de acordo com sua vontade, e na qualidade de possuidor de dinheiro, de comprador de bens, ele tem para com os vendedores de bens a mesma relação que todo outro comprador.

Assim como Lafargue (2000), Harvey (2004) toca no problema do consumo como reprodutor do capital. Nesse sistema, tanto o trabalho, como o lazer, operariam segundo os mesmos fins, e nesse movimento a autonomia se vincularia à prática de mercado.

A partir desse ponto, é possível afirmar que este modelo de organização social iniciado pelas mudanças da revolução industrial molda o espaço e territorializa as relações para o trabalho e para o lazer. Para entender a organização do espaço urbano e o desenvolvimento das cidades, após as considerações desta primeira parte do capítulo é interessante apresentar alguns precedentes do lazer contemporâneo na cidade de São Paulo.

Na formação do sentido do lazer na modernidade, o ócio foi uma das práticas sociais mais temidas e questionadas. No Brasil, no início do século XX, a necessidade de que fosse banido da vida cotidiana aumentou as preocupações em torno da organização da vida operária para além da escola e do trabalho, o que implicou a ascensão de um conjunto de meios de controle e administração das práticas no tempo livre. Originário da nova concepção formada em torno do conceito de ócio e tempo livre, o lazer torna-se palco de preocupação política e de desenvolvimento social desde então, ditando formas de pensar as forças organizadoras do espaço.

Na medida em que a disposição da infra-estrutura para a circulação de mercadorias ganhou complexidade, a exigência de adjetivar e colocar os conceitos de lazer e trabalho em oposição se fez necessária. Se em um primeiro momento o ócio participava da vida cotidiana dos grandes centros, no desenrolar do desenvolvimento da cidade de São Paulo ele ocupou o papel de “mal à vida produtiva”. Isso porque seu entendimento apresenta lacunas à rotina e à ideiação que o estatuto do trabalho gerado pelo desenvolvimento do capital procurava engendrar.

Assim, o ócio distancia-se do conceito de trabalho⁴⁷ na medida em que a institucionalização do lazer começa a tomar forma. Remete-se ao lazer funções do ócio que

⁴⁷ Foucault (1987) enxerga este movimento de polarização de conceitos ocorrendo em diversos âmbitos da sociedade. A escolha pelas “divisões binárias” (o heterossexual e o homossexual, por exemplo) é uma estratégia para colocar em oposição condições que, se misturadas, podem causar desordem para o sistema disciplinar.

poderiam servir ao estabelecimento do sistema capitalista para as grandes metrópoles brasileiras na época. Em Porto Alegre (RS), por exemplo, as iniciativas públicas de lazer iniciaram-se em 1926, pela criação do primeiro Jardim de Praça (AMARAL, 2001). É nestes lugares também que o mecanismo de turnos de trabalho nas fábricas emergentes começa a atuar com propriedade. Ao lazer atribui-se a função primeira de reparar as forças para o trabalho, mérito conquistado pela jornada cumprida, pela força despendida.

Por este lugar ocupado pelo lazer na organização da cidade, os ditos espaços de lazer aparecem como ilhas de refúgio às agruras do espaço urbanizado e organizado para a produção. Conforme dito anteriormente, é a partir do final do século XIX (KLIASS, 1993) que são criados os principais parques da cidade de São Paulo: Parque Villon, Parque Tenente Siqueira Campos (Parque Trianon), Parque Aclimação, Parque D. Pedro II, Parque da Água Branca e Praça Buenos Aires. Estes espaços traduzem algumas das tensões entre as bivalências sociais: trabalho e lazer, patrão e operário, urbano e rural. Pares que trazem arraigados em si as contradições e as formas com que o capital se expandiu por todo o século XX.

Essas características começam a aparecer no modo como as cidades são planejadas. O avanço do capitalismo e seus reflexos na configuração do espaço são acompanhados também pela incursão do lazer neste processo. Por isso defendo aqui a indissociabilidade presente entre lazer e espaço, cujo ponto de convergência e dissipação de significados ocorre no sujeito, agente primeiro desta relação.

Assim, pelo lazer é possível pensar como ocorrem as *decupagens* do corpo no urbano.

Os problemas dos lazeres obrigam a pensar mais claramente ainda uma estratégia. Para colocá-la em toda sua amplitude, convém inicialmente destruir alguns fantasmas misturados com a ideologia. O imaginário social arrumado (pela ideologia, pela publicidade), bem como a triste realidade dos “hobbies” e da “criatividade” miniaturizada fecham os horizontes. Nem as saídas em férias, nem a produção cultural industrializada – nem os lazeres na vida cotidiana, nem os lazeres fora da cotidianidade – resolvem o problema. Suas imagens impedem que ele seja colocado. O problema acaba com as separações “quotidianidade-lazer” ou “vida cotidiana-festa”. O problema é restituir a festa transformando a vida cotidiana. (LEFEBVRE, 2006, p. 128).

Lefebvre trata o lazer aliando-o à cotidianidade, com suas possíveis aproximações da condição de ser vivenciada como obra ou produto. O cotidiano seria capaz de desarrumar o imaginário social construído pela ideologia, por meio de suas possibilidades de novas apropriações das práticas pré-concebidas.

Ao pensar as funções da pista central no Parque do Ibirapuera tanto pelas práticas que potencialmente poderiam ser vivenciadas, como a caminhada, a corrida, ou o ciclismo, quanto pela região nobre que o parque ocupa na cidade de São Paulo, seria possível delimitar os usos dos espaços que ocorreriam ali sustentados pelo imaginário social constituído ao seu redor. Porém, as observações feitas durante todo o trabalho de campo revelaram usos e estratégias (CERTEAU, 1994) do cotidiano que dificilmente poderiam ser previstas, ou seja, o universo de diferenças e ressignificações me surpreendia a cada visita.

Além de ser um lugar utilizado principalmente pelos corredores e pelos ciclistas, uma multidão andava pela extensão da pista central aos finais de semana. Este conjunto dava a ela sua principal função, qual seja, de servir como ponto de passagem, via de tráfego importante do Parque do Ibirapuera. Por isso mesmo, era possível notar dezenas de vendedores ambulantes espalhados por suas alamedas. A oferta de côco verde e de guloseimas tinha posição estratégica nestes lugares, uma vez que estava sob a área de grande circulação do parque.

Outra estratégia do cotidiano, própria de espaços onde circulam pequenas multidões, pode ser observada aos finais de semana. Os artistas de rua dotavam alguns cruzamentos e vias mais abertas com seus *shows*. No dia 8 de junho, estes artistas entretiveram o público que passava com suas mágicas e malabarismos e no dia 25 de maio, repentistas cantavam versos improvisados para quem se atrevesse passar em frente a eles. Algumas “estátuas vivas” desafiavam o olhar atento do público e o jogo era uma moeda *versus* a imobilidade do artista.

Passagens como estas rendiam à pista central usos que não estavam previstos para sua função inicial. Dotavam o parque de elementos de uma urbanidade própria de outros cantos da cidade, de praças e passagens públicas causando uma tensão interessante com os demais usos do parque.

Em sentido oposto, os *hobbies* e os demais mecanismos de ação do lazer que operam no distanciamento dos cotidianos ocasionam a oferta massiva dos lazeres contemporâneos. Parques de diversão e *shoppings centers*, por exemplo, constituem resultados da relação do lazer com o sistema produtivo. O valor de troca suplanta o valor de uso (LEFEBVRE, 2006) a favor do movimento formador do que Lefebvre (1991) chamou de sociedade burocrática de consumo dirigido.

Na tarde de sábado do dia 28 de junho, o movimento na ciclovia que acompanha toda a dimensão da pista central é grande. Às bicicletas de todos os tipos somam-se os sujeitos de

diversas faixas etárias que caminham ou correm ao lado da ciclovia. De longe, uma música se aproxima rapidamente do local onde escolhi para fazer as observações naquele dia. Pouco tempo depois vejo que se trata de um senhor que aparenta ter uns 50 anos de idade, cuja bicicleta está equipada com caixas e aparelhagem de som. No meio dos fluxos que compõem a pista, sua atuação é marcante. Representa um uso que compõe de modo significativo o espaço, pela combinação dos cotidianos dos sujeitos naquele instante e que, determinando o conjunto de significados que constituem a pista central naquele dia, auxilia na ressignificação e transformação da realidade.

Este exemplo ilustra que ao desvelar o olhar sobre o cotidiano, é imprescindível que se aproxime o foco de observação da ação do sujeito no momento de apreensão da realidade. Esta afirmação justifica o insistente esforço de captar os usos feitos do Parque do Ibirapuera pelas ações dos sujeitos em suas práticas de lazer, pois a partir delas é possível os caminhos e brechas (CERTEAU, 1994) para a construção de novas realidades pelo espaço.

Lefebvre (2006, p. 87) indica que antes de se estabelecerem práticas de lazer, é preciso termos claro que as necessidades sociais tem um fundamento antropológico.

Opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e de abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, da organização do trabalho e do jogo, as necessidades de previsibilidades e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência (e mesmo de solidão) e de comunicação, de imediatividade e de perspectiva a longo prazo; necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de gostar, e a necessidade de reunir essas percepções.

Além destas, acrescentam-se outras inúmeras necessidades, cuja satisfação não será dada pelos equipamentos comerciais e culturais que são levados em consideração pelos urbanistas. Moldando os gostos, desejos e possibilidades, Lefebvre (2006) aponta que esses equipamentos não alcançam os devires e usos do direito à cidade. Por isso, a importância do tema na organização de um modelo que se constitua como obra, dotada de valor de uso e que só poderá ser apreendido por uma dimensão que considere o cotidiano dos sujeitos, conforme visto no Parque do Ibirapuera: a primeira pedalada de bicicleta, o uso da parede para a manobra de *skate*, a rede amarrada no tronco da árvore, etc.

Para endossar o esforço de mudança do caráter reprodutivista do lazer para suas possibilidades de transformação da realidade posta, faz-se necessária uma incursão pela temática desta pesquisa outras idéias que estabeleçam proximidade com o sujeito e com suas ações.

Assim, apresento agora elementos do segundo caminho apontado no início deste capítulo, o enfoque de Frederic Munné sobre o tempo livre⁴⁸.

4.1 Munné e a psicossociologia do tempo livre

Desvelando um olhar crítico em torno da realidade, Munné (1980) desenvolve sua teoria dizendo que cada uma das partes constituintes da realidade observada – o trabalho, a vida privada e a vida familiar, por exemplo – são explorados de maneira racional, incluindo-se aí a nova organização (comercial e semiplanificada) dos lazeres. O autor se dispõe a pensar o ócio e o tempo livre abordando de maneira central a apreensão do mundo pelo aspecto psicossociológico e chamando a atenção para a questão da liberdade. Insiste para que ela seja compreendida em sua forma antropológica, fato que o aproxima de Lefebvre (2006) quando este prevê que as necessidades humanas também são fundamentalmente antropológicas.

Uma idéia central na obra de Munné (1980) diz respeito à divisão que ele faz dos autores que se debruçaram sobre os estudos do tempo livre e de suas ocupações, classificando-os em duas correntes, os burgueses e os marxistas⁴⁹. Símbolo de interesse cultural e de valor por considerar o lazer como realidade própria, separada do trabalho e distinta do tempo, a concepção burguesa apresenta “[...] como denominador común, una triple actitud: subjetiva en lo psicológico, individualista en lo sociológico, y liberal en lo político” (MUNNÉ, 1980, p. 21).

Enquanto os burgueses centram sua atenção no que chamam de lazer (e, por isso mesmo suas frentes de análise são bastante heterogêneas), os marxistas a colocam no tempo livre. Eles sustentam seus argumentos afirmando que o tempo de trabalho (aquele que visa à emancipação do sujeito) e o tempo livre serão no futuro uma coisa só. Para este segundo grupo, o trabalho concreto é a condição geral da existência humana (BOTTOMORE, 1988), e é por ele que a sociedade deve ser organizada. O lazer pode ser tomado como ponto onde se imbricam diversas pistas sobre o modo como o capitalismo engendra a vida. Ou seja, através do trabalho alienado, ele aparece como tempo disponível e, em muitas vezes, tempo de compensação para o retorno à

⁴⁸ É possível afirmar que Munné escreve sobre o lazer pelo viés da psicologia social. É preciso salientar que em sua obra “Psicossociología del tiempo libre” o autor escreve acerca da problemática do ócio a partir de um grande arrazoado de autores clássicos do lazer. Defende o sentido do tempo livre, o qual se constituiria em um caminho paralelo à liberdade. Pela grafia em espanhol o termo *tiempo libre* pode ser erroneamente traduzido por lazer. No entanto, ócio é o conceito que mais se aproxima do nosso sentido de lazer.

⁴⁹ Munné (1999) ainda faz uma subdivisão dentro destas duas correntes, classificando os burgueses em empíricos, teóricos e críticos e os marxistas em ortodoxos, frankfurtianos e revisionistas. Apesar de ser uma classificação salutar, não me atarei a discorrer sobre ela.

produção. O tempo livre defendido por Munné (1980) seria distinto da concepção de grande parte dos autores que escrevem sobre lazer, entre eles os seguidores de Joffre Dumazedier.

Na sua construção da noção de tempo livre, Munné (1980) afirma que é preciso considerar as estratégias que nos conduzem à liberdade, e esclarece ainda que um ponto de partida para isso é a presença do condicionamento, e que ambos não são conceitos opostos, visto que se exigem mutuamente. “No existe libertad sin condicionamento ni condicionamento sin libertad” (MUNNÉ, 1980, p. 69). A tensão entre a ação transformadora e reprodutora do sistema é captada por ele a partir dos conceitos de heterocondicionamento e autocondicionamento.

Na realidade concreta, ocorrem condutas necessárias à condição humana e condutas de livre escolha dos indivíduos. Munné (1980) considera que se ocupando de uma ou de outra, o sujeito estaria adotando um comportamento heterocondicionado ou autocondicionado, respectivamente. Em outras palavras, as necessidades e as obrigações são condições impostas pelo meio exterior e todas as determinações externas ao indivíduo se encaixam na definição de heterocondicionamento; enquanto isso, a possibilidade de escolher condições segundo vontade própria, ou seja, segundo uma determinação interna, está ligada à postura do autocondicionamento (VASQUES, 2008, p. 44).

Desse modo, em um sentido utópico o homem é efetivamente livre na medida em que subjugua a circunstância que o limita, responsabilizando-se por suas próprias condições. Neste sentido, Munné (1980, p. 77) estabelece o que para ele seria o sentido do tempo livre:

La conclusión a que todo ello lleva es que el *tiempo* libre está constituido por aquel aspecto del tiempo social en el que el hombre autocondiciona, con mayor o menor nitidez, su conducta personal y social. Sin embargo, lo que le define propiamente como tal *tiempo* libre es el tiempo ocupado por aquellas actividades en las que domina el autocondicionamento, es decir, en las que la libertad predomina sobre la necesidad.

Fazendo uso desta análise, é possível dizer que o discurso do mercado e das forças que engendram o desenvolvimento da sociedade ocorrem em fuga do autocondicionamento e da construção de espaços para a liberdade. Atualmente, a tendência é que o lazer se una ao mundo do trabalho até a menor intenção do tornar-se competitivo. A tese de López-Ruiz (2004) argumenta sobre esta idéia a partir da teoria do capital humano, desenvolvida por um grupo de economistas da Universidade de Chicago. Segundo ele, este é um tema que, na atualidade, adquire particular relevância pela influência que seus conceitos têm na definição e redefinição dos princípios e valores que conformam o *ethos* dos executivos de transnacionais que o autor pesquisou em seu trabalho:

Em sintonia com a grande importância dada ao trabalho nas suas vidas, os entrevistadores constatam [...] que até as atividades de lazer eram encaradas pelos seus

entrevistados em função do trabalho. Não eram vistas por eles como um prazer em si mesmo, mas como ocupações que tinham fortes matizes terapêuticos; isto é, uma forma de recuperar as energias antes de voltar a trabalhar. Uma coisa similar acontece com outro tipo de atividade. A maioria confessa, por exemplo, ler basicamente livros de negócios e reconhece a falta de outras leituras, porém dizem não encontrar tempo para fazê-las (LÓPEZ-RUIZ, 2004, p. 142).

Aprende-se desta passagem que o lazer aparece heterocondicionado pelo trabalho. Diante disso, seria possível aqui lançar uma questão em tom digressivo a respeito do lazer: por que discutí-lo como categoria, se ele se apresenta como continuidade ao mundo do trabalho? Salvo todas as mudanças e relativizações que podem ser feitas ao colocá-lo em face com o trabalho (que por consequência o diluiria até o ponto de não mais poder ser definido como categoria operatória) ainda assim é possível reafirmá-lo, porque ele pode ser definido por alguns marcadores de sentido construídos nos estudos do lazer: a discussão do tempo, do espaço e da intencionalidade. Ao tomarmos o conceito de tempo livre de Munné (1980) e com base nas observações desenvolvidas durante os seis meses de trabalho de campo, é possível dizer que tanto o lazer quanto o trabalho concreto podem atuar com uma só função, a de se constituírem como espaços que conduzam à liberdade.

4.2 O uso e a apropriação do espaço

Apesar do projeto do Parque do Ibirapuera visar o oferecimento de espaços de lazer aos seus usuários, buscando atender os mais diferentes interesses pelas diversas atividades ofertadas, seus usos não estão garantidos. Os prédios e construções feitos à época da inauguração do Ibirapuera só depois ganharam sentidos pelos usos que os sujeitos fizeram do mesmo, na medida em que foram usufruídos pela população nas mais diversas formas. Este fato permite afirmar que o debate em torno da apropriação deve levar em conta que esta é uma categoria essencialmente relacional (SMOLKA, 2000), daí sua ligação imediata com o conceito de espaço tomado como conjunto de fluxos (CERTEAU, 1994).

Endossando este caminho teórico, Pol (1996, p. 8) diz que “La apropiación del espacio – con toda su complejidad – aparece como uno de los núcleos centrales en la interacción entre el ser humano y su entorno físico”. Em outras palavras, é possível dizer que o espaço é o resultado das apropriações que são feitas em um determinado lugar, num dado espaço de tempo.

A respeito deste processo, é interessante nos remetermos ao conceito explicativo da apropriação elaborado por Codina (2007, p. 211):

[...] uno es la acción-transformación, una acción que, por una parte, puede, desde dejar impronta en el espacio, hasta proyectar, o transformar un objeto de forma directa o

indirecta y, por otra parte, esta acción-transformación incide activamente en los procesos cognitivos y afectivos de la persona. El otro componente es la identificación simbólica, vinculada a la proyección del yo, que lleva: al reconocimiento del espacio como definitorio del self, y al desarrollo de los procesos de categorización del yo.

A apropriação está diretamente ligada ao aspecto psicossocial, compreendendo os processos cognitivos e afetivos em uma ação que é ao mesmo tempo transformadora. Portanto, se a ação é um elemento básico da apropriação, pode-se considerar que por ela é possível criar espaços e tempos de transformação (CODINA, 2007).

Por outras palavras, a apropriação do espaço trata-se de “el sentimiento de poseer y gestionar un espacio, independientemente de su propiedad legal, por uso habitual o por identificación” (CODINA, 2007 p. 210). Este entendimento de apropriação permite uma ligação com o conceito de topofilia sustentado por TUAN (1983), o qual diz que há um elo afetivo entre a pessoa e o lugar mantidos através de experiências e percepções significativas. Neste caminho, é possível ponderar que inevitavelmente estamos ligados ao lugar pelas lembranças, por uma série de interlocuções que passam pelo nível afetivo. Para Certeau (1994, p. 189)

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas entre si, dos passados, roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações conquistadas na dor ou no prazer do corpo.

Ou seja, trata-se, na verdade, de um lugar praticado (CERTEAU, 1994), onde são promovidas relações próximas entre sujeito e espaço. Nesta perspectiva, é possível afirmar que o Parque do Ibirapuera contém diferentes significados, de acordo com a relação estabelecida entre ele e seu usuário. A atividade procurada pela adolescente era sempre à caminhada na pista de *cooper*, o gramado preferido do casal de namorados era a parte central da Praça da Paz, o horário de chegada da babá com a criança ocorria sempre às dez horas da manhã, o local de parada para descanso do corredor era a barraca de cocos próximo à Administração do parque; todos esses são indícios que promovem a aproximação do sujeito com o espaço, concedendo urbanidade ao local que, *a priori*, não passava de um projeto urbanístico com traços e cálculos matemáticos. Nas palavras de Smolka (2000, p. 4):

O termo apropriação refere-se a modos de tornar próprio, de tornar seu, também, tornar adequado, pertinente aos valores e normas socialmente estabelecidos. Mas há ainda outro significado [...], relacionado à noção elaborada por Marx e Engels, na qual o tornar próprio implica “fazer e usar instrumentos” numa transformação recíproca de sujeitos e objetos, constituindo modos particulares de trabalhar/produzir.

A fim de marcar a oposição ao conceito de apropriação, Codina (2007, p. 212) apresenta também o seu oposto, a alienação, condição na qual o sujeito não se identifica com o que produz:

La no apropiación o la alienación se daría cuando la persona, aún percibiendo una transformación por su acción sobre una realidades, no consigue identificar-se con el proceso o resultado. Así pues, la no apropiación podría argumentar la falta de interés por determinadas actividades, la dificultad para aficionar-se e la actividad física o a un deporte en particular, el decenso en la participación de los jóvenes en actividades deportivas, el abandono de determinadas prácticas de ocio, etc.

Partir do entendimento da bivalência entre os dois pólos de uma mesma idéia é interessante para a análise crítica do problema. Neste caso, pode-se afirmar que o processo pelo qual determinado espaço é apropriado não ocorre separadamente do risco da alienação. Isso porque o sujeito não tem controle das forças que operam tanto sobre suas escolhas quanto sobre as estruturas que o posicionam socialmente. Este complexo circuito está ligado também à tensão entre autocondicionamento e heterocondicionamento. Em que pese a ordem posta pela organização espacial e pelos projetos colocados em prática por parte dos urbanistas, a construção de realidades novas é possível pela prática da apropriação, entendida segundo o conceito de ação-transformação. “Si la transformación es un elemento básico de la apropiación, se puede considerar que surge una apropiación del tiempo cuando este se vise como espacio de tiempo de transformación” (CODINA, 2007, p. 211).

Pela observação dos usos é possível marcar diferentes leituras da realidade, tipos inusitados de relações com o espaço, dos quais podem emergir possibilidades de vislumbrar novas maneiras de resolver problemas, técnicas de construção de outro modelo de funcionamento da sociedade. Nas ruas, nas calçadas, nos parques, no modo como o sujeito se movimentava nas cidades.

A este respeito, Certeau (1994, p. 176) sugere uma visão interessante e, sobretudo, poética do ato de caminhar pela cidade:

A fala dos passos perdidos. Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses “sistemas reais cuja existência faz efetivamente à cidade”, mas “não tem nenhum receptáculo físico”.

A apropriação é aqui entendida como sinônimo de possibilidade. No simples ato de caminhar podem ser inscritas enunciações pedestres que muito têm a dizer sobre o sujeito e sua relação com o espaço. Certeau (1994, p. 176) ainda continua seu raciocínio:

[...] e se de um lado o caminhante torna efetiva somente algumas das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui e não por lá), do outro aumenta o número de possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Seleciona, portanto “o usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo”. Cria assim algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da “língua” espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles. Vota certos lugares à inércia ou ao desaparecimento e, com outros, compõe torneios espaciais raros, acidentais ou ilegítimos. Mas isso já introduz a uma retórica da caminhada.

A retórica da caminhada pode ser somada a possibilidades infinitas de outras enunciações. Este conjunto de dizeres, sempre próprios dos sujeitos e significativos para o estabelecimento da realidade observada, é que tece o conceito de espaço, a soma de elementos materiais e imateriais (SANTOS, 1996) onde passado, presente e futuro se encontram. Quanto mais próximos nos posicionamos das possibilidades de apropriação do espaço, mais sentido vemos nas informações fornecidas e na resignificação dos mesmos, como o exercício feito por De Pellegrin (1999) ao estudar os espaços de lazer nos bairros de Campinas.⁵⁰

Santos (1988) ressalta que as cidades se distinguem umas das outras justamente por seus objetos fixos e fluxos, de modo que é necessário analisar suas diversas combinações, que caracterizam diferentes formas de apropriação, adjetivando o lugar.

Nesse sentido, as transformações urbanas que interessam não são apenas as modificações físicas, que ocorrem ao longo do tempo, de modo previsível e muitas vezes irreversível. Tão importante quanto elas são as atuações individuais dos sujeitos que vivem nos centros urbanos e que anseiam por novas maneiras de viver a cidade, a partir de um jogo intenso e dinâmico de experiências e a níveis de realidade diversificados que geram movimentos peculiares no cotidiano urbano na direção da transformação da realidade, pois, como adverte Pol (1996), a apropriação, como processo de identificação, ocorre em certo sentido como processo de transformação.

⁵⁰ O trabalho da autora destacou a importância das relações de apropriação e uso dos espaços cheios/vazios por parte da população, nas suas diferentes formas e processos. Sua pesquisa exploratória foi realizada em quatro bairros: Barão Geraldo, DIC's, Vila Industrial e Costa e Silva.

5 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO: “OÁSIS”, DIVERSIDADE E “SUBVERSÃO”

De volta ao olhar distante, do décimo segundo andar do prédio, percebo a cidade tomada por um ruído ininterrupto: sirenes, buzinas, motores e gritos à distância; conduzindo-me à sua rapidez e agilidade características.

No exercício de descer à rua, o foco aguçado traz consigo a possibilidade de mudança, uma vez que pelo olhar próximo é possível decifrar o incômodo que muitas vezes a atuação dos cotidianos, principalmente daqueles adjetivados de marginais⁵¹, causam à lógica operatória do sistema. Observar o que está camuflado revela as entrelinhas do desenvolvimento e propõe novas ações a partir das fissuras do sistema, rumo à sua ruptura, à quebra das estruturas de planejamento da ciência parcelar (LEFEBVRE, 2006) que ordena a sociedade.

Além da apresentação da proposta de análise e do campo de pesquisa, até agora foram debatidos os grandes temas que permearam este trabalho, no exercício de tecer diálogo constante com os elementos trazidos pelo contato com o Parque do Ibirapuera.

Aqui o esforço é o de questionar os dados obtidos nas trinta e oito visitas feitas. Neste tempo, os diversos usos do espaço observados no movimento de fixos e fluxos (SANTOS, 1988) revelaram três grandes eixos interpretativos de análise para serem discutidos mais criteriosamente nesta parte da pesquisa: o oásis para a cidade e o freio à contração; as diversidades reveladas pela pista central e as “subversões” na marquise, tendo como pano de fundo a discussão do espaço liso (GUATARRI, 1985).

É importante frisar que a estes três pontos se unem outros, como a tensão entre urbanismo e urbanidade, os fixos e fluxos (SANTOS, 1988) e o dualismo presente na tensão entre trabalho alienado e tempo livre (MUNNÉ, 1980). Estas categorias foram eleitas por sua ligação com os fatos observados durante as idas ao Parque do Ibirapuera.

⁵¹ A idéia de estar à margem revela o distanciamento (e, por consequência, a negação destas forças pelo sistema operante) de certos sujeitos da estrutura social dominante. Favelas, moradores de rua, ocupações irregulares, entre outros substantivos, compõem a lógica de um “texto” (LEFEBVRE, 2006) que necessariamente precisa ter seus argumentos devidamente concatenados na afirmação da cidade em desenvolvimento pelo urbanismo.

5.1 Oásis para a cidade e freio à contração

Para tratar da relação entre os parques urbanos e a cidade, considero pertinente entender uma função central do Parque do Ibirapuera presente nesta ligação. Ele exerce o papel de contrapeso ao encurtamento do espaço e do tempo gerado pelo desenvolvimento da cidade de São Paulo. Mesmo de maneira desproporcional, estabelece força de oposição para a velocidade engendrada pelo modo de produção vigente através das experiências que pode proporcionar aos sujeitos imersos neste movimento, abrindo canais de liberação do tempo pelas possibilidades de caminhos para o tempo livre (MUNNÉ, 1980).

Em alguns momentos do caderno de campo, utilizei-me do termo “oásis” para fazer referência às sensações que o Parque do Ibirapuera causava com seus fixos e fluxos (SANTOS, 1988). Esta espécie de fio condutor para o tratamento dado à discussão da contração do espaço e do tempo na metrópole se originou da fala de uma senhora que caminhava próximo às quadras poliesportivas, na manhã do dia 13 de abril:

Gosto de vir aqui para me distrair. Tem dia que venho com minhas vizinhas, tem dia que venho com meu marido. Às vezes venho sozinha também, quando estou querendo refrescar a cabeça da barulheira da vida. O Ibirapuera é um oásis pra São Paulo.

Além desta fala, tinha a sensação de oásis quando adentrava pelas alamedas do parque, como na anotação que fiz no dia 23 de maio. Considero muito pertinente a metáfora do parque urbano, neste caso o Parque do Ibirapuera, servir como oásis: de tempo, de ruído, de áreas verdes, de violência. As sensações que me ocorriam quando chegava ao parque revelavam alguns sinais dessa condição. Quase sempre às pressas, o caminhar acelerado do trajeto até o parque era logo trocado por uma passada mais calma assim que os sujeitos adentravam seus portões. A grande quantidade de informações, os letreiros, faixas de promoção, o trânsito, os horários, era amenizada pelo cenário do Parque do Ibirapuera. O contato mais “devagar” abria a possibilidade de divagar sobre o vivido, de vagar pelos espaços sem os estímulos observados do lado de fora dos portões.

Qualquer imagem aérea do local onde se localiza o Parque do Ibirapuera fornece uma primeira impressão da ruptura que seus fixos apresentam com relação à configuração urbana observada em suas imediações⁵². A amplitude das regiões livres e a existência de áreas verdes

⁵² Como por exemplo a [Figura 1 \(p. 21\)](#), na qual é possível notar o contraste de linhas e traçados da área do Parque do Ibirapuera e de suas imediações.

constatam inicialmente a quebra com relação aos elementos usualmente encontrados nos ambientes urbanos.

Com relação aos fluxos, o trajeto percorrido no dia 2 de maio entre o último quarteirão antes da entrada pelo portão 10 e a primeira alameda do parque apresentaram vários indícios que endossam as diferenças na intersecção de tempo e espaço. A caminhada dos sujeitos é mais lenta, não há buzinas ou ruídos de motores, a fuligem e a poluição do ar são atenuadas pelo cenário verde e pela umidade dos lagos, os estímulos visuais não tendem ao excesso de informações, mas ao contato mais tranquilo com o ambiente.

No tocante à função do Parque do Ibirapuera para a configuração do espaço urbano em São Paulo, é possível pensá-lo na direção da afirmação de Santos (1994), o qual apresenta o conceito de “prótese” para elucidar a maneira como ocorre a distribuição de alguns espaços no modelo paulistano. Observa-se, por exemplo, que nesta cidade as áreas verdes muitas vezes são intercaladas com sistemas amplos de avenidas⁵³, os parques públicos geralmente aparecem em áreas tomadas por prédios e bairros inteiros sem amplos espaços para livre circulação, diferentemente das sugestões apontadas por Jacobs (2001), apresentadas no segundo capítulo.

O projeto do Parque do Ibirapuera é exemplar para elucidar esta afirmação. Sua localização foi pensada para aglutinar, em uma circunscrição verde, uma série de avenidas nas quais desembocam parte significativa do trânsito da cidade de São Paulo, como pude constatar nas plantas e mapas no Arquivo Técnico do Parque do Ibirapuera. Se por um lado esta estratégia tende a facilitar o acesso por parte da posição privilegiada da área no sistema viário, por outro serve para compensar a estética da velocidade, do tom que caracteriza o aspecto urbano. A esta função de “maquiagem” do espaço está implícita a relativização da idéia de que o planejamento traz qualidade de vida e que o urbanismo preza por um desenvolvimento a favor da harmonia.

Outra condição que transparece o crescimento desordenado da cidade, condicionado pela produção em detrimento do uso da cidade, é a situação de algumas regiões centrais das grandes metrópoles. Geralmente nestes lugares é possível observar grande número de problemas sociais, os quais os planejadores e os projetos de urbanização não conseguiram incluir no desenvolvimento das cidades. As imagens observadas no trajeto até o Parque do Ibirapuera durante todo o trabalho de campo ilustraram alguns desses problemas. Como exemplo, cito os moradores de rua que vivem sob o plano elevado na região da Praça Marechal Deodoro, também

⁵³Como ocorre com o Parque Villa Lobos, à beira do sistema de trânsito da Marginal Pinheiros.

chamado de “Minhocão”, observados na tarde do dia 4 de maio; ou a deterioração dos prédios e o aspecto sujo de ruas e vielas, nesta mesma região. Ao contrário de indicarem pistas sobre o modo como o espaço urbano vem sendo organizado, ambos são concebidos na maior parte das vezes como sinais de um tipo de cidade cujos problemas precisam ser resolvidos.

Esta condição justifica a sentença de que os males são produtos da cidade e que, portanto, ações que coíbam certas “feridas” fazem com que essa se firme com o *status* liberalista da ordem e do progresso⁵⁴. Para estes casos, normalmente são promovidos projetos emergenciais de diversos tipos: recolhimento dos moradores de rua, eventos de cunho assistencialista em determinados feriados do ano, urbanização de áreas degradadas; todos na tentativa de dotar o espaço de assepsias que garantam, mesmo de modo pragmático, a satisfação de necessidades e a criação de cenários esteticamente bem aparentados para o desenvolvimento e a boa imagem da cidade.

Ao problema da descontinuidade da lógica que organiza os lugares está implícita também a noção de tempos e lugares diferenciados no meio urbano, segundo as forças que operam na construção das materialidades e imaterialidades que o constituem. Fatores de ordem política, econômica e social designam, por exemplo, a distância entre os lugares, a que classe social eles se destinam, aspectos da cotidianidade que ali poderão ser vivenciados, além das escolhas das atividades de lazer que porventura aconteçam segundo as possibilidades e as sanções que os constituem.

Neste âmbito, não há como negar que a construção da realidade acontece segundo o embate de forças promovido constantemente pelos sujeitos, pela ação de seus cotidianos no estabelecimento das decisões diárias, de modo dialético e segundo as possibilidades e os limites que o próprio sistema apresenta.

Ligada à idéia de sanar em uma determinada área os problemas advindos da dinâmica urbana que a circunda, esta função dos parques ocorre em sentido unívoco ao seu papel contraditório de servir aos usos diferenciados de tempo e de espaço. Dito de outra forma, entre outros papéis concernentes aos parques urbanos, trata-se da idéia de que há uma tendência de

⁵⁴ A idéia de que a cidade é um mal em si é apenas *uma visão* do fenômeno da urbanização e da vida nas cidades. Ao recorrer ao texto de Engels sobre a cidade industrial (ver ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global, 1985), por exemplo, é possível perceber que mesmo dentro da concepção socialista pode aparecer uma denúncia da vida nas cidades, responsável pela corrupção da sociedade e por suas mazelas. Ou seja, não é preciso partir de uma posição ideológica liberal para denunciar os males urbanos, embora outros teóricos apostaram exatamente no contrário – a cidade libertaria o homem, já que sinalizaria para o progresso e civilização inexistente no meio rural.

encurtamento do espaço e do tempo no movimento que estabelece o desenvolvimento das cidades na atualidade. Os parques urbanos atuam no sentido de bloquear este movimento, operando como válvula de escape às pressões advindas da reprodução do espaço pelo capital (LEFEBVRE, 1986) da mesma forma que o lazer atua como pausa e recarga das forças para o trabalho.

Para tratar desta polarização, é necessária a contribuição de Munné e Codina (1992, p. 114): “La relación entre el ocio y el trabajo no es de simple oposición; entre uno y otro fenómeno también puede haber complementación, compensación, etc.” De maneira dialética, esta passagem nos auxilia a compreender o sentido da oposição que é feita entre lazer e trabalho e, em outra esfera, entre a apropriação que se faz do tempo e espaço (compressão *versus* dilatação). Cabe à interpretação crítica discorrer sobre os valores existentes na relação entre os dois pólos para que, a partir dela, seja possível encontrar saídas para os problemas apresentados pela sociedade.

Destarte, a intenção desta pesquisa é mostrar que existe uma relação de tensão latente entre as várias forças de oposição que operam na conformação dos espaços e na ação dos sujeitos rumo ao tempo livre. Nestas relações ocorre também o dualismo entre o autocondicionamento e o heterocondicionamento (MUNNÉ, 1980) que, neste caso, será pensado pelo conjunto de significados observados no Parque do Ibirapuera e pelos pressupostos de sua condição enquanto espaço urbano de lazer.

Um caminho interessante para entendermos a contração do tempo é partir do ponto levantado por Harvey (1992), o qual expressa a diferenciação da mudança de concepção do espaço no modo como a sociedade se apresenta hoje. Segundo este modelo, a percepção está composta pela velocidade do tempo dada pela circulação do capital cuja rotação (pelos pressupostos históricos observados) deve se efetivar cada vez mais rápido. Sob esse prisma, o autor aponta para uma necessária aceleração do ritmo dos processos econômicos e da vida social, “do qual deriva a necessidade de se ultrapassar as barreiras espaciais” (HARVEY, 1992, p. 210). A partir deste movimento, é possível levantar uma linha de ruptura com a modernidade, na qual a resultante da compressão entre o tempo e o espaço estabelece condições para designar a condição pós-moderna ao estágio atual da sociedade (HARVEY, 1992). O autor ainda pondera a respeito:

Como os usos e significados do espaço e do tempo mudaram com a transição do fordismo para a acumulação flexível? Desejo sugerir que temos vivido nas duas últimas décadas uma intensa fase de compressão do espaço-tempo que tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural. (Harvey, 1992, p. 257).

Aceitando esta condição apontada por Harvey (1992), inevitavelmente é possível dizer que ela reverbera seu movimento de compressão nas atividades do cotidiano. O ato de se locomover até o local de trabalho e a organização das tarefas diárias mais simples precisam levar em conta a condição de driblar os empecilhos propostos pelos problemas do tempo e do espaço na grande metrópole. Em frente ao Auditório no dia 16 de março, em conversa com um frequentador do Parque do Ibirapuera sobre sua condição de morador da cidade de São Paulo, ele respondeu a respeito deste assunto da seguinte forma;

Para morar aqui é preciso ter logística. De manhã, minha esposa leva nosso filho até a escola de carro. Ela deixa o carro num estacionamento próximo da escola. Saio para trabalhar de metrô e no final do dia passo no estacionamento para pegar o carro e o meu filho. Minha esposa deixa a chave com o cara do estacionamento. Ela volta para casa mais tarde de metrô.

O simples relato sobre a rotina normalmente vivenciada na grande metrópole aponta elementos interessantes para pensar o modo como as técnicas e astúcias do cotidiano (CERTEAU, 1994) agem em acordo com a imposição dos problemas na cidade. É interessante notar que o sujeito utiliza-se do termo “logística”⁵⁵ para adjetivar a estratégia adotada para viver nesta cidade. Não por acaso, o termo faz referência aos modos pelos quais devem ser estabelecidas as ações dentro de uma empresa para que seu funcionamento ocorra sem grandes entraves.

Tal como ocorrem nas demandas no sistema de produção, a rotina diária muitas vezes se assemelha ao planejamento estratégico das empresas. Devem-se prever os modos de locomoção no trânsito, com vistas a minimizar as perdas de tempo. Seguindo o ditado popular de que “tempo é dinheiro”, subentende-se que ao economizar os minutos na escolha do trajeto de metrô ou de carro o sujeito está, na verdade, organizando sua vida e revertendo-a em benefícios, de acordo com o padrão de pensamento imposto pelo sistema.

Neste sentido, várias ações podem ser observadas. A especialização do terceiro setor em serviços rápidos e o acúmulo de informações vindas das mais diversas direções, além do acesso rápido à internet são exemplos ilustrativos desta idéia. Nas escolhas das práticas de lazer, contraditoriamente, é possível observar duas tendências. Uma primeira em consonância com o

⁵⁵ Segundo o dicionário Houaiss de língua portuguesa, o termo *logística* refere-se à organização teórica da disposição, do transporte e do abastecimento de tropas em operação militar. Se em um primeiro momento o sentido do termo denota surpresa, a aproximação desse conceito com a teoria da militarização do cotidiano proposta por Virilio; Lotringer (1983) torna inteligível o fato de sua adoção como estratégia estabelecida para a organização das ações de empresas. Ao apontar que os princípios da guerra se estendem pelas ações do cotidiano, o autor auxilia de forma central no emprego deste termo por parte do sujeito interpelado.

movimento da aceleração imposta pelo sistema, o “pacote turístico”, a viagem rápida, a sessão de treino metódica e eficaz junto à pista de corrida do Parque do Ibirapuera em vários momentos do contato com o campo.

E uma segunda, a qual diz respeito à quebra da intenção da produção, tal qual ocorre nos momentos de trabalho. Ao colocar-se na atividade de lazer, notadamente aquelas observadas no Parque do Ibirapuera, a sensação do não trabalho já cria o estado de uma movimentação diferente da fornecida pelo ato produtivo, pelo horário no qual se troca a força de trabalho pelo recebimento de um salário. Mesmo que a ação seja uma atitude que ocorra com o objetivo da capitalização do ser humano, como geralmente acontece nos cargos de trabalho mais altos (LOPÈS-RUIZ, 2004), com relação à contração do tempo, a atividade nesse caso tende a ser diferente daquela gerada pela velocidade e pela escassez do tempo.

No Parque do Ibirapuera, o trabalho de campo revelou que na maioria das vezes o que se observa é a tendência ao estado do divertimento e da descontração, circunstância na qual a não-preocupação com as parcelas do tempo é quesito fundamental para que ela exista. Sexta feira de feriado, dia 23 de maio. Na Praça da Paz observo famílias, adultos e crianças brincando no imenso gramado verde que caracteriza o local. Um pai ensina seu filho a empinar uma pipa, e outro joga bola com suas duas filhas. Em ambos os casos, é evidente a noção de tempo dilatado que conduz as atividades.

Ambientes como a Praça de Paz e usos como estes anunciados acima tem papel importante uma vez que exercem a contrafunção de fuga e de espaço para a liberdade (MUNNÉ, 1980) aos seus usuários em pleno ambiente urbano. Este motivo corrobora para o papel de oásis atribuído ao Parque do Ibirapuera. Obviamente, cada um desses usos está imbuído de autocondicionamentos (por exemplo, a vontade pela brincadeira) e heterocondicionamento (por exemplo, o sol forte ou o desânimo da outra pessoa que brinca). Porém, de modo geral é possível dizer que se vivem dentro do Parque do Ibirapuera desejos que não são vividos lá fora: passeios de bicicleta, encontros à sombra das árvores, o olhar para o outro que não está trabalhando, o espaço sem a dominação dos carros, gramados, contato com animais, etc. A sensação das horas dilatadas é confirmada no espaço pela tranquilidade das temporalidades dos sujeitos que visitam o parque, como observei na Praça da Paz nesse dia.

Nesta perspectiva, o estado de contemplação poderia aproximar as atividades de lazer à noção de ócio tal qual a caminhada lenta junto à pista central ou a atividade a princípio

desinteressada, como uma tarde passada à margem do lago no Ibirapuera, observando os arredores. Estes fatos apresentam-se como barreiras para o estado do tempo e operam, até certo limiar, como freios para a noção da velocidade. Neles, a definição do espaço urbano se apresenta por uma linha de delimitação tênue com o ambiente natural na medida em que tende ao estabelecimento de maiores aberturas às ordens de organização do espaço diferentes daquelas ditadas pela velocidade do urbanismo.

No âmbito destas e de outras vivências observadas no período da pesquisa de campo, são colocadas constantemente em jogo novas estratégias de construção do espaço urbano, demonstrando o poder existente na diversidade dos cotidianos (SANTOS, 1994). Estas são necessárias a fim de que o sentido do tempo livre prevaleça na maneira pela qual a cidade deva ser apropriada, tanto pelas práticas de lazer quanto pelos demais âmbitos de construção da realidade.

5.2 Pista central: revelando as diversidades

Denomino aqui de pista central o espaço que se apresenta no Parque do Ibirapuera por meio de um trajeto contínuo que liga suas principais áreas. Destinada principalmente às práticas de corrida e de ciclismo⁵⁶, o asfalto e as marcações da ciclovia conferem oportunidades para que pedestres e bicicletas transitem sem grandes problemas.



Figura 4 – Bicicletas na pista central.
Fonte: PARAJARA; GUANDELIN (2005).

Pensar a função de uma ciclovia dentro de um parque urbano é um assunto que pode implicar uma extensa discussão. Se considerarmos a dinâmica de uma cidade que preze pelo seu

⁵⁶ Cabe ainda colocar que normalmente podem ser observados na pista patinadores, *skatistas*, além de outras formas mais “raras” de uso (monociclos e patinetes, por exemplo).

valor de uso, seria mais fácil observarmos pistas cicloviárias ao longo das vias de trânsito, e não circunscritas ao espaço do parque urbano. Aliada a esta problemática pode ser colocada a discussão da obrigatoriedade da marcação de trechos específicos para pedestres e para ciclistas no Parque do Ibirapuera. Se este é um espaço onde a intencionalidade deve ser guiada pela tensão entre o autocondicionamento e o heterocondicionamento rumo à liberação para o tempo livre, supõe-se que entre os sujeitos há uma relação de respeito que os permite conviver junto na pista central sem maiores problemas.

Um dos pontos que mais chama a atenção na observação da pista é notar a diversidade do público que a frequenta. Sujeitos desfilam com “estilo esportivo”, em oposição aos ditos “marginais”: o grupo de jovens da periferia, os garotos com suas *bikes* de rua. Estas oposições foram observadas durante todo o período do trabalho de campo, e muitas delas podem ser identificadas nas observações descritas ao longo deste texto. Por esta razão faço a ligação entre a pista central e a diversidade.

No dia 5 de abril ocorreu um fato que pode elucidar a idéia da diversidade. Duas senhoras, aparentemente de classe alta, caminham desinteressadamente pela pista quando são avisadas abruptamente por um assóvio da passagem de um “pelotão” de bicicletas na pista. Elas atendem ao pedido “a contra gosto”, e cedem caminho enquanto reclamam em baixo tom sobre o ocorrido. Um dos garotos escuta o comentário e automaticamente revida em tom áspero: “só podia ser rico mesmo”. Este fato corriqueiro concede a impressão que desejo apresentar quando afirmo que a pista central é sinônimo da diversidade dos sujeitos.

Durante as visitas, nos dias de semana, notei que quase não havia bicicletas circulando na ciclovia, fato que se apresentava de forma oposta nos finais de semana, quando o trânsito de bicicletas na pista central se apresenta de forma bastante acentuada. “Hoje tem muita bicicleta, não é, filha? Não é como nos dias de semana.” Estas duas frases ouvidas quando caminhava próximo a uma mulher e uma menina no dia 28 de junho ajudam a traduzir a diferença de usos ocorrida na pista central entre os dias de semana e o sábado e domingo. A esta situação podem-se sugerir algumas hipóteses. Ao fato do bicicletário funcionar apenas aos finais de semana, soma-se que nos dias de semana o espaço da pista central é utilizado principalmente por moradores próximos (genericamente de classes mais altas), sujeitos que não trabalham durante o dia, ou corredores que usam o parque com a finalidade de treino.

As várias propensões de usos garantem a versatilidade do espaço e a flexibilidade de seus fluxos. Diferentemente do que pode acontecer em espaços de lazer homogêneos, como geralmente ocorre com os conjuntos habitacionais, na pista central a diversidade é causada tanto pela heterogeneidade das métricas (LÉVY, 1999), ou seja, o passeio a pé, a corrida, as bicicletas, o patins, o *skate*; quanto pelo encontro de públicos e *pedaços* que podem compartilhar de suas diferenças do mesmo espaço, pessoas da periferia e do centro, o “marginal” e o “*playboy*”, idosos e crianças, entre outros.

Por estes elementos, grosso modo deduz-se que o espaço da pista central recebe diferentes usos durante os dias convencionais de trabalho e aos finais de semana. A riqueza do contato com a pista, a partir destas questões estabelecidas e dos fatos observados principalmente no sábado, domingo e feriados é que garantem a idéia de que há possibilidades de saídas do sistema por meio da ressignificação, da imprevisibilidade de atuação dos cotidianos.

Tensionados pelo autocondicionamento e pelo heterocondicionamento, o sujeito é colocado o tempo todo em situações nas quais ele pode vivenciar o tempo livre (MUNNÉ, 1980). No Parque do Ibirapuera essas situações deverão acontecer por meio das práticas de lazer, em um local e tempo específicos do parque urbano, da pista central, com todas as imprevisibilidades e possibilidades que estes conjuntos podem conter.

5.3 Usos para o espaço liso: a “subversão” na marquise

Próximo à pista central, projeta-se a famosa marquise do Parque do Ibirapuera, interligando as entradas do Museu de Arte Moderna, do Museu Afro e do Auditório Ibirapuera. Trata-se de uma área coberta, com grandes vãos sustentados por colunas e piso simples, condição que fornece à marquise a função de espaço versátil para os mais diversos usos. No período de seis meses de trabalho de campo foi possível observar inúmeras maneiras de utilização deste espaço: apresentação de orquestra sinfônica, na exposição do Exército Brasileiro no dia 12 de abril; apresentação de coral de idosos durante evento no dia 13 de abril; posto de arrecadação de material reciclável também no dia 13 de abril; postos de vacinação infantil no dia 17 de maio; apresentação de *street dance* no dia 6 de julho, entre outros. Cada um desses pequenos eventos aconteceu com sujeitos diferentes, de grupos distintos e com intenções próprias. Estas diversidades compõem a marquise com marcas interessantes, dotando-a de urbanidade a partir dos usos feitos desse espaço.

Entretanto, sua grande referência de utilização ocorre por parte dos esportes e manobras de rua. Embalados às vezes por um som ambiente, uma espécie de *break*, a seu tempo dezenas de bicicletas, patins, *skates* e outros equipamentos similares ganham o espaço da marquise aos finais de semana, notadamente no sábado e no domingo à tarde. Estes grupos estiveram presentes durante todas as observações feitas no período do trabalho de campo. Frequentavam a marquise invariavelmente, com exceção dos dias de chuva, quando o movimento no parque caía de modo considerável.

O grande vão situado na altura do prédio do Auditório do Ibirapuera fica tomado principalmente por jovens e adolescentes nos finais de semana (em sua grande maioria homens) oriundos de diferentes bairros da região metropolitana de São Paulo, conforme pude constatar pelos breves comentários ou por pequenas interlocuções travadas com os sujeitos enquanto permaneci nos arredores da marquise, como demonstram as seguintes falas, tomadas respectivamente nos dias 15 de junho e 17 de agosto: “vamu logo, senão a gente vai chegar em Embu só às dez da noite”, ou “lá na ZL⁵⁷ não tem essa história de ficar tirando com a cara do outro não”.

A diferença de uso da marquise entre o fim de semana e os dias convencionais de trabalho é marcante. De segunda a sexta-feira é possível observar neste espaço apenas caminhões de limpeza, além da presença de esporádicos praticantes de ginástica sob a orientação de um *personal trainer*, como observei no dia 11 e 18 de março. Geralmente em grupos, os sujeitos presentes nos finais de semana usualmente portam uma mochila com lanche para passar o dia no parque e vestem-se sob estilo específico: com boné, camisetas e calças largas, e com a cueca “à mostra”. Os tênis são de estilo próprio também, de desenho arredondado, com cadarços coloridos e solas largas, o que facilita as frenagens que sucedem as manobras e movimentos mais rápidos dos *skates* e bicicletas.

Entre os grupos que frequentam este espaço, o dos ciclistas é o mais significativo. Em maior número, mostram-se de forma exibicionista em meio a giros arriscados e pequenas quedas acidentais, com bicicletas cheias de detalhes para a prática de determinados movimentos. Conforme mostraram as observações, o selim rebaixado e o suporte nos pneus dianteiro e traseiro poderiam indicar em qualquer região do parque que aquele sujeito frequenta a marquise do Parque do Ibirapuera.

⁵⁷ Corruptela para “Zona Leste”, região da periferia da cidade que compreende bairros como Penha e Guaianazes.

Em direção oposta ao grupo das bicicletas, o grupo de patins mescla maior diferença de gêneros e idades. Os patinadores geralmente montam circuitos específicos, formas de locomoção, com zigue-zagues e volteios próprios de sua “modalidade de rua”. Outro grupo de destaque usuário da marquise é o dos *skatistas*, que apresentam maior similaridade de trajes com o grupo das bicicletas.

Diferentemente de pistas próprias ou outros locais destinados à prática destas modalidades de rua, na marquise do Ibirapuera os usos, tanto pelas bicicletas quanto pelos patins e pelo *skate*, ocorrem apenas em um vão livre com nenhum equipamento específico para estas práticas, corrimãos, rampas ou pequenas plataformas para saltos. Durante as visitas ao campo, foi observada a utilização de alguns materiais improvisados para manobras específicas: caixas de papelão, garrafas descartáveis, entre outros, exemplificando alguns dos apetrechos utilizados. Observei no dia 3 de maio que os patinadores fizeram um circuito, com graus de dificuldade diferentes, utilizando como obstáculo caixas de papelão, algumas inteiras e outras cortadas. Dispuseram-nas em seis pontos diferentes, e um por um tentavam cumprir o circuito, de modo a evitar que o papelão fosse tocado.

Embora possa parecer estranho o porquê deste espaço desprovido de rampas e incrementos para saltos ser tão procurado por parte destes grupos, esta situação se explica pelo fato da marquise ser um ponto de encontro para estes grupos. Este espaço tem notoriedade para estes sujeitos na medida em que conseguem reunir centenas de jovens com suas gírias, seus trejeitos, especificidades próprias de suas turmas e seus bairros. Nas observações feitas no dia 25 de maio, notei as similaridades das roupas dos ciclistas: o boné virado para trás, a calça larga e as gírias utilizadas. Ao mesmo tempo, um grupo de *skatistas* faz uma roda ao lado do banco onde eu estava sentado e começam a comer os lanches, o refrigerante de marca econômica e o pacote de biscoitos são quase os mesmos para todos.

Este conjunto de significados liga a marquise do Parque do Ibirapuera a estes grupos, a qual se revela um espaço significativo para o desenvolvimento das práticas e de uma cultura vivenciada geralmente em guetos ou nas ruas de zonas periféricas da cidade.

[...] a socialização do grafiteiro ocorre *na rua, no trampo*, através da convivência e do contato direto e prático entre as gerações mais velhas e as gerações mais novas. Não obstante, o *trampo* é ele mesmo o símbolo mais significativo da reunião social do grafite (TIBAU, 2007, p. 103).

Assim como o grafite une os grafiteiros pelo trabalho, aqui apresentado sob a corruptela “trampo”, as práticas da marquise são as responsáveis pela reunião social dos ciclistas de rua, *skatistas*, *roolers* e demais praticantes de modalidades próximas. Mais que servir de cenário para o treino de gestos técnicos, a marquise congrega um conjunto de performances e interesses em comum que aqui são aglutinados pela forma de vivenciar o lazer e pelo espaço escolhido para praticá-los.

Ao mostrar suas manobras, na verdade cada um deles está fazendo o exercício de marcação de territórios, aprendendo não só as técnicas destas práticas, como também as técnicas de pertencimento ao grupo. No final de semana do dia 14 de setembro observei uma manobra feita por dois garotos que ainda não havia visto desde o início do trabalho de campo. Em pé sobre o *skate*, um deles “pega” velocidade para logo depois agachar-se, em alta velocidade. Quando se aproximam de alguém que está atravessando a marquise (escolhem preferencialmente uma pessoa que não aparenta pertencer aos grupos que frequentam este espaço), fazem um volteio para a parte interna, inclinando seu corpo de modo que a ponta dianteira do *skate* gire para o sentido oposto à direção do movimento, em uma trajetória que se aproxima daquela que é feita pelo carro quando “dá um cavalinho de pau”. Esta manobra causa um ruído alto e estridente, causando grande susto à pessoa escolhida para ser “alvo” da brincadeira. Ao virtuosismo acrescenta-se uma parcela de ousadia por parte do garoto que aciona a manobra.

[...] o primeiro valor sociável referente à *moral* é a *transgressão* que também pode acumular o sentido de *ousadia*. Assim como os próprios informantes ressaltaram, um grafiteiro que atua de forma legítima e verdadeira necessariamente cultiva o germe do *vandalismo*, transgredindo a ordem pública e tornando os espaços públicos como forma de, por um lado, delimitar um lugar de pertencimento e se fazer notar por meio de uma abordagem impetuosa e, por outro, sustentar um estatuto de atuação ligado à competitividade exibicionista, onde os mais ousados ganham *moral*, por estimularem a *ação* de outros grafiteiros (TIBAU, 2007, p. 106).

Por trás dos gestos expressados por cada jovem encontram-se performances de vida que, subversivamente, fazem uso da marquise para a manutenção de sua identidade na produção do espaço. Assim como a ação dos grafiteiros, a manobra do garoto narrada acima carrega consigo o sentido de transgressão e de pertencimento ao grupo, uma vez que a ousadia desenvolvida por ele incita sua moral junto aos demais jovens, ao mesmo tempo em que verbaliza pela atitude “agressiva”, a imagem sustentada pelos grupos de rua.



Figura 5 – Um trecho da marquise sem os usos observados nos finais de semana e feriados.
Fonte: JIMENEZ; JIMÉNEZ (2007).

O espaço da marquise não é liso (GUATARRI, 1985). Se a princípio a homogeneidade causada pelo piso de cimento batido, pela simetria das colunas brancas e pelo teto com luzes igualmente espaçadas dá a aparência uniforme ao lugar, o conjunto composto pelos sujeitos e seus usos reverte esta situação. Cada grupo apresenta especificidades, estratégias e astúcias (CERTEAU, 1994) próprias para ocupar os fixos (SANTOS, 1988), conforme apontam as descrições aqui apresentadas. Os sujeitos elegem determinados lugares na marquise para permanecerem durante o dia. Recostados em alguma coluna, próximos aos *playgrounds*, ou no corredor mais próximo ao Museu Afro, cada grupo estabelece marcas para os espaços que ocupam: bicicletas deitadas no chão, mochilas encostadas nas paredes, aparelho de som ligado.

Não só há determinados espaços marcados para os grupos como também existem fronteiras para os diferentes estilos e níveis profissionais dos mesmos. O eixo de comunicação entre as três alas (Oca, Museu de Arte Moderna e Museu Afro) é onde as manobras de *bike* mais arriscadas acontecem, onde se formam os pelotões de bicicletas para empreendimentos em conjunto. Perto dali aparecem os *skates* e, um pouco mais afastados, os patins. Os praticantes mais amadores, as mulheres e as crianças desenvolvem suas manobras em regiões mais distantes desta área ou em horários de menor pico.

A parede branca na região dos sanitários é literalmente marcada pelo uso das bicicletas e dos *skates*. No dia 22 de setembro acompanho as tentativas de um garoto para a realização de uma manobra. Depois da fase de aceleração, um salto é seguido do contato com a parede para uma posterior aterrissagem, a qual dá origem à aceleração para um novo ciclo. A parede fica toda suja por estas e outras tentativas feitas, substituindo a homogeneidade do branco pelos traços escuros de borracha das rodas de bicicletas e *skates*. Cada gesto observado é próprio de seu executor, e dota o espaço de determinados usos. Elementos diversos, marcadores de sentido para o espaço que a distanciam de sua condição primeira de espaço liso (GUATARRI, 1985).

Um ponto que chama a atenção nos arredores da marquise é a presença de vigilantes em maior número em comparação com outras áreas do parque. Este fato indica resistência à cultura e à efervescência construída na rua, como notei nas tensões observadas entre os policiais e os frequentadores da marquise. Sábado dia 14 de junho. No início da tarde, um caminhão pipa atravessa a marquise para a limpeza dos banheiros. Enquanto desenvolve seu trajeto lento pelo vão livre, um grupo de adolescentes se prepara para “pegar uma carona” com ele. Ao notar a movimentação, os policiais acionam reforços para conter a ação, mas não tem tempo para se organizarem. Neste momento dezenas de adolescentes já estão “pendurados” no caminhão, satisfeitos pela travessura causada. Tal fato tem relação com o burburinho, com a economia da proximidade (JACOBS, 2001) e com o conceito de economia do lugar próprio sustentado por Certeau (1994, p. 123):

[...] dentro dos sistemas sociais, por baixo da carapaça que envolve a macroestrutura, debaixo do véu que desenha a sociedade há o fazer pontual, o gesto, as fugas e a ação efêmera, contundente, desveladora, instigante e perturbadora. Se colocarmos os bens materiais e simbólicos (ou, segundo Marx, as macroestruturas sociais) dentro da idéia da duração e do movimento, veremos que existem brechas e inconstâncias dentro do sistema posto, daí a possibilidade do escape pela subversão, pela imprevisibilidade do ato, pelo desvio da norma.

No caso da relação destes grupos com a marquise, a “subversão” ocorre pela própria produção do espaço, ou seja, trata-se de um ponto interessante para observar a dinâmica formadora das cidades, já que, de certo modo, é um espaço de encontro lícito às subversões dos grupos geralmente marginais, às performances arrojadas, ao desafio permitido e à perturbação consentida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

POR UM “ESPAÇO PARA O TEMPO LIVRE”

Como expressão que busca dar avanço ao tema tratado nesta pesquisa, sugiro que a resultante das forças que participam da formação do urbano e da constituição do lazer na realidade observada seja construída na direção do **espaço para o tempo livre**. Grifo esta expressão, pois defendo que ela é uma forma de traduzir a resposta para as perguntas sugeridas no início deste texto. Saliento ainda a utilização do termo espaço no singular. Trata-se de conceber uma idéia abstrata, conforme o conceito de espaço de Santos (1996), a fim de que possa nortear os projetos e ações a serem feitas no âmbito do lazer.

Quando se fala em espaços, no plural, fica a impressão de que essas abstrações já aparecem de maneira mais decantada, materializados em praças e parques, por exemplo. Neste conceito fica implícito que nos locais onde o lazer possa ocorrer, as atividades tenderão a tornar o ser humano livre, em uma relação com a cidade a partir do valor de uso (LEFEBVRE, 2006). Além disso, nos cotidianos devem estar implícitos indícios para a crítica constante dos dados materiais, como o encontro dos diferentes públicos na pista central ou dos garotos no alto do prédio da Oca. Lugares como os observados no Parque do Ibirapuera devem ser tomados a partir de suas possibilidades utópicas, em que os espaços e equipamentos de lazer apresentam vários pontos que podem servir à conduta para o tempo livre.

Contrapor o espaço urbano observado e a ordem do planejamento com argumentos que ainda discorrem sobre planos abstratos não é fácil. Não porque não existam possibilidades de acontecer novas formas espaciais para o tempo livre. O que ocorre é que elas não estão disponíveis de maneira clara no estado em que nossa sociedade se encontra, por fatores limitantes de diversas ordens.

Pautado diretamente nos usos feitos pelos sujeitos, este movimento lança direções e intensidades diferentes para os fixos e fluxos (SANTOS, 1988) do Parque do Ibirapuera. No dia 27 de abril em meio ao burburinho (JACOBS, 2001) existente na pista central provocado pelos corredores e ciclistas, a participação de um sujeito no encontro dos cotidianos naquele instante ganha evidência. Um senhor de meia idade caminha ligeiro entoando canções e fazendo pequenos gestos coreográficos, por toda a extensão da pista. Ele chama a atenção dos que passam, e é

olhado por todos por alguns segundos. Desconsiderando qualquer julgamento que possa existir por parte dos demais, segue cantando na pista. Sua presença no momento em que é encarado pelas pessoas, ao mesmo tempo em que desperta espanto, causa a sensação de que são possíveis outros usos, outras formas de se vivenciar uma caminhada na pista do Parque do Ibirapuera, assim como o sujeito que pedala na bicicleta com o aparelho de som.

Ao proporcionar a criação do espaço para o tempo livre, é preciso que se compreendam as nuances existentes entre o autocondicionamento e o heterocondicionamento propostos por Munné (1980). O autor encaminha uma saída teórica interessante para o problema do tempo livre. Ele chega à conclusão de que este tempo está constituído pelo aspecto do tempo em que o homem autocondiciona, com maior ou menor nitidez sua conduta pessoal ou social. O elemento que o define propriamente como tal é o tempo ocupado por atividades nas quais prevalece o autocondicionamento.

Este libera del heterocondicionamiento (tiempo liberador) creando así, el condicionante endógeno que posibilita un tiempo en que el hombre liberado puede autocondicionar-se personal y socialmente, esto es, ejercer genuinamente la libertad, afirmándose así como tal hombre” (MUNNÉ, 1980, p. 105).

Pelo conceito de tempo livre empregado por Munné (1980), o caminho a ser seguido operaria em acordo com a liberação compensadora do heterocondicionamento, satisfazendo as necessidades reais de liberdade e estabelecendo caminhos para que tal situação aconteça. Resgatando a diferenciação que Certeau (1994) faz entre espaço e lugar, a esta altura seria possível argumentar que o conceito de espaço está vinculado mais ao heterocondicionamento (na medida em que é um conjunto de elementos materiais e imateriais, com forte interferência dos agentes externos, das nuances do território), enquanto o conceito de lugar se liga mais ao autocondicionamento (por evocar mais os aspectos pessoais, a relação sujeito-lugar).

Neste ínterim, tratar dos usos do espaço se faz importante na medida em que eles pressupõem sua apreensão a partir de atividades nas quais pode predominar o caminho para a liberdade. As relações entre o sujeito e o local produziriam ressignificações, pelas quais o tempo livre pode acontecer, pela ação autêntica entre sujeito e espaço.

Tanto a experiência das primeiras pedaladas do menino, de sua irmã mais velha e de sua mãe no dia 2 de maio quanto o sorriso da jovem pelo gesto acertado no lançamento do *frisbie* no bosque próximo à pista de *cooper* no dia 18 de maio, demonstram sinais de que o espaço participa do caminho que conduz as ações dos sujeitos à liberdade. Acontecimentos deste tipo

dotam o espaço para a prática do tempo livre, ao mesmo tempo em que condicionam a ação daqueles que vão até o Parque do Ibirapuera.

No imenso gramado verde que compõe a Praça da Paz este movimento é evidente: o descanso sob a sombra de uma árvore, as pipas, os namoros, as bolas, os cachorros, as crianças; diversas situações que podem compor de modo interessante a relação entre o autocondicionamento e o heterocondicionamento para estas práticas.

Assim como o tempo livre não necessariamente precisa ser tempo de lazer, o espaço para o tempo livre também não é, *a priori*, um espaço de lazer. Liga-se a esta afirmação o fato de que nos espaços de lazer hoje disponíveis, como é o caso do Parque do Ibirapuera, existem mais possibilidades de autocondicionamento. Primeiro porque a intencionalidade de uso do parque já implica o exercício de liberdade (passar o domingo com a família, namorar, etc.) Segundo porque, além disso, há uma folga tanto na contração do tempo (pela noção do tempo liberado do trabalho, pela vivência não parcelada do dia) quanto pela contração do espaço (não há carros nem outros meios de transporte que possam encurtá-lo significativamente). Neste sentido, sugiro um deslocamento do termo “espaços de lazer” para a expressão “espaço para o tempo livre”.

Como exemplo para elucidar esta idéia, cito o exemplo da Avenida Brigadeiro Luís Antonio, no trecho que liga a Avenida Paulista até o Parque do Ibirapuera, que também pode vir a ser um espaço para o tempo livre. Observando o trajeto de inúmeros sujeitos até o parque, pude perceber que alguns dos usos adotados na rua estabelecem relações interessantes com passagens vistas no Parque do Ibirapuera.

Descendo a Avenida Brigadeiro Luís Antonio, na manhã de um sábado, dia 2 de maio, encontrei algumas pessoas pedalando na direção do parque. Tratavam-se de duas mulheres e dois homens, que iam pela calçada, desviando de obstáculos, de desníveis e de pedestres. Esgueiravam-se nos cruzamentos à espera que o semáforo verde abrisse ou, na ausência desse, efetuavam passagem certos de sua segurança. Concomitantemente a este fato, na pista de rolamento os automóveis guiavam o fluxo do trânsito e da vida na circunscrição da avenida. A atenção redobrada e o grande número de estímulos aos quais os ciclistas deveriam estar atentos no cumprimento do trajeto certamente apresentam diferenças com relação à sua atuação dentro do Parque do Ibirapuera.

Em ambos os casos, mesmo com os limites impostos pelo sistema, o uso desenvolvido por parte do sujeito é que irá delinear o quanto sua ação está em aproximação ou em fuga com a

liberdade, o que implicará diretamente no sentido de uma avenida ou de um parque urbano servirem como espaços para o tempo livre.

Esta idéia auxilia a elucidar o porquê da escolha do Parque do Ibirapuera. Poderia observar práticas de lazer em outros espaços, em uma infinidade de outros ditos equipamentos específicos ou não específicos de lazer (REQUIXA, 1980). Porém, ao reiterar a importância da tríade dialógica tempo (aquele livre, proposto por Munné), espaço (que perpassa a visão redutora de equipamentos específicos/ não específicos) e intencionalidade (a maneira pela qual o sujeito realiza a atividade que, por vezes, tenciona a funcionalidade do sistema), endosso a importância da existência de espaços como os parques urbanos, lugares onde é possível observar modos singulares de traçar diferentes usos pelas práticas de lazer.

Sábado, 5 de abril. Observo que muitas pessoas trazem máquina fotográfica para o passeio do fim de semana. Registram imagens de um ambiente que não é comum ao seu cotidiano, uma vez que o que precisa ser registrado geralmente é o que não é normal ao cotidiano. Vive-se dentro do Parque do Ibirapuera muitas experiências que não se vive lá fora. Esta informação reitera a condição do parque de ser espaço para o tempo livre, para além de ser apenas um dentre os inúmeros espaços de lazer existentes na cidade.

Esta característica só existe se considerarmos sua relação direta com o seu uso. Há, neste sentido, dois níveis de resistência. Um primeiro que é estabelecido pela construção do espaço, por seus fixos (SANTOS, 1988): a arquitetura, as regras, os horários, o acesso. E um segundo, mais ligado à questão da apropriação (CODINA, 2007; SMOLKA, 2000; POL, 1996), à criatividade do uso, às ressignificações.

O leitor poderia pensar que os usos até aqui narrados não necessariamente precisam acontecer em um espaço destinado ao lazer, como ocorre com o formato do parque urbano. Porém, é preciso marcar o caráter do efeito provocado pelo imaginário constituído ao seu redor: as áreas verdes, a ausência de carros, a presença próxima da possibilidade de atividade física, entre outros tantos elementos. Certamente, o Parque do Ibirapuera carrega características que potencializam o seu papel de servir de espaço para o tempo livre. Não que essa seja uma condição estabelecida, é antes uma possibilidade, uma facilidade para que isso ocorra.

Uma outra questão que compete aos espaços para o tempo livre foi suscitada por uma frase ouvida no ônibus da linha Pinheiros, tomado para chegar até o Parque do Ibirapuera no sábado, dia 10 de agosto. Nessa ocasião, sentei-me ao lado de duas adolescentes, supostamente

amigas, que pediram ao cobrador para avisá-las quando o ponto próximo ao Parque do Ibirapuera chegasse. No caminho, ouvi uma delas trocar algumas frases ao telefone com sua mãe. E, entre elas uma me chamou a atenção: “pode ficar tranquila mãe. Lá no Ibirapuera é seguro”.

Sobre a condição de insegurança que paira na cidade, o espaço para o tempo livre deve ser também aquele que apresente recursos para a segurança. A idéia do “oásis” de tempo, de ruído e de áreas verdes se estende também para ser um “oásis de segurança”, contra a violência que marca os espaços públicos urbanos.

Obviamente, a teorização de Munné sobre uma conduta orientada ao autocondicionamento não acontece desprovida das tensões que incidem sobre as relações sociais e sobre a realidade. Nas opções que fazemos para as atividades que acontecem neste tempo, dentre elas o lazer, já estão implícitos determinados formatos, heterocondicionados pela intenção das atividades ofertadas. Em outras palavras, fazemos nossas opções a partir de escolhas de atividades já estabelecidas para as quais é possível ter acesso.

Em que pese esta situação, a ação transformadora é necessária. Quando ela se mostra presente, mesmo em tensão com sua força oposta, ela está incidindo sobre a criação de espaços de fuga, pois, como sugere Munné (1980, p. 105), “*tiempo libre es un tiempo de libertad para a libertad*”. Este espaço de liberdade é conquistado por cada sujeito, por meio de sua atuação cotidiana na construção dos fatos e na resolução de problemas. Assim, na ressignificação dos lugares pode estar presente tanto a conformidade com a estrutura colocada quanto a imprevisibilidade do seu uso, de escape para a transformação.

As palavras de Carlos (2001, p. 59) auxiliam-nos a aprofundar esta idéia.

[...] O vivido se reafirma contra as regras impostas pela produção do espaço econômico ou político. O homem aparece criando sentido e valor, porque a cidade não é simples condição objetiva; é também objeto virtual. Passado, presente e possível se entrelaçam.

A realidade apresenta em cada objeto e em cada ação a possibilidade de mudança ou de manutenção do sistema. Mesmo vivenciada em um espaço e tempo engendrados pela supraestrutura gerada pelo capitalismo (o espaço específico para o lazer, com determinados significados espelhados na maneira pela qual são pensados, planejados e construídos os prédios e equipamentos), em certa medida ela é dotada da intenção daquele que a executa. Apesar de construído muitas vezes como produto da configuração produtiva espacial, o uso está passível de

novas apropriações graças ao interlocutor, ao sujeito que o ressignifica a cada gesto, a cada maneira de fazer circular novos sentidos sobre o lugar.

Com isso, digo a essa altura que o Parque do Ibirapuera apresentou nesses meses de campo inúmeras possibilidades para o tempo livre, inclusive em situações que de modo tênue podem invadir o campo do trabalho. A inversão de sentido aqui tem duplo papel: além de desconstruir a oposição entre lazer e trabalho alienado, herança de uma linha que se estende desde o início da modernidade, encaminha as questões dos usos e da ressignificação do espaço como medidas transformadoras, colocando o sujeito em um papel ativo de construção da realidade, a partir do poder contido nos cotidianos observados.

Pela atuação intermitente na conformação destas cadeias de significados, é possível ponderar que o espaço não é um pano de fundo neutro. Ele não é apenas um reflexo da sociedade nem um fato social apenas, mas um condicionante condicionado, tal como as demais estruturas sociais, que se formam no movimento dos fatos ao mesmo tempo que o influencia (CERTEAU, 1994).

Por isso mesmo, é preciso colocar o olhar próximo à realidade, no esforço de compreender qual a relação estabelecida entre o sujeito e o espaço do qual ele participa. A partir do entendimento do lazer como construção que surge da contradição presente na vida cotidiana, é possível estabelecer relações de suas atividades com o espaço urbano, nó conceitual que traz consigo as possibilidades de transformação. Pelo olhar sobre o uso do espaço é possível vislumbrar a construção de espaço para a liberdade, para a prática do lazer e das demais esferas da vida.

7 REFERÊNCIAS

- AMARAL, S. C. F. Lazer/Recreação: estudos de memória na cidade de Porto Alegre: uma proposta em andamento. Licere, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 109-123, 2001.
- ANDRADE, M. M. O Parque do Ibirapuera: 1890 a 1954. Arquitextos, São Paulo, n. 51, 2004. Disponível em: < http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq051/arq051_01.asp>. Acesso em: 5 jul. 2008.
- BOTTOMORE, T. Dicionário do pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- BRITO, F.; SOUZA, J. Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. São Paulo em Perspectiva, v. 9, n. 4, p. 48-63, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n4/v19n4a03.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2008.
- CARLOS, A. F. A. Espaço e tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CODINA, N. Entre el ocio, el turismo y el consumo: el tiempo y la apropiación del tiempo. In: MARTINEZ, J. R. (Org.). Perspectivas y retrospectivas de la psicología social en los albores del siglo XXI. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007. p. 205-214.
- DE PELLEGRIN, A. Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio e espaço de lazer. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- EXPOSIÇÃO STAR WARS BRASIL. Linhas de ônibus que servem o Parque do Ibirapuera. Disponível em: <<http://www.starwarsbrasil.com.br/linhasonibus.html>>. Acesso em: 22 ago. 2008.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GUATARRI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. Espaço e Debates, v. 6, p. 109-121, 1985.
- HARVEY, D. Espaços de esperança. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. A condição Pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992.
- JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- JIMENEZ, M.; JIMÉNEZ, M.G. Caminando sin rumbo. 1 ene. 2007.
Disponível em: < <http://www.caminandosinrumbo.com/>>. Acesso em: 13 maio 2009.
- KLIASS, R.G. Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade. São Paulo: Pini, 1993.
- LAFARGUE, P. O Direito à preguiça. São Paulo: Hucitec, 2000.
- LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2006.
- _____. A revolução urbana. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.
- _____. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. Production de l'espace. Paris: Anthropos, 1986.
- _____. Metafilosofia. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1967.
- LÉVY, J. Le Tournant Geografique. Belin: Paris, 1999.
- LOFEGO, S. L. IV Centenário da cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo: Anna Blume, 2004.
- LÓPEZ-RUIZ, O. J. O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. Parques urbanos no Brasil (Brazilian urban parks). São Paulo: Edusp, 2002.
- MACEDO, W. A.; ESCOBAR, M. Parque do Ibirapuera: o conceito do projeto original e as propostas nas últimas cinco décadas. [200?]. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade São Marcos, São Paulo, [200?]. Disponível em: < <http://www.smarcos.br/graduacao/arquivos/ibirapuera.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2008.
- _____. A concretização da imagem do IV Centenário da cidade de São Paulo: o Parque do Ibirapuera. Arquitextos, São Paulo, n. 283, 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp283.asp>>. Acesso em: 5 jul. 2008.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, J. G. C. Festa no pedaço. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: _____.; TORRES, L. L. (Org.). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 2000. p. 12-53.

MARCASSA, L. A invenção do lazer: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935). 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

MASCARENHAS, F. Lazer como prática da liberdade. Goiânia: Ed. da UFG, 2000.

MONDADORI, A. Niemeyer. São Paulo: Milão, 1975. apud MACEDO; ESCOBAR (2005). A concretização da imagem do IV Centenário da cidade de São Paulo: o Parque do Ibirapuera. Arquitextos, São Paulo, n. 283, 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp283.asp>>. Acesso em: 5 jul. 2008.

MUNNÉ, F. Psicossociologia del tiempo libre: un enfoque crítico. México: Trillas, 1980.

_____.; CODINA, N. Algunos aspectos del impacto tecnológico en el consumo infantil del ocio. Anuário de Psicologia. Barcelona: Universitat de Barcelona, Facultat de Psicologia, n.53, p. 113-125, 1992.

PADILHA, V. P. Se o trabalho é a doença, o lazer é o remédio? In: MÜLLER, A.; DACOSTA, L. P. (Org.). Lazer e trabalho: um único ou múltiplos olhares? Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 243-266.

PARAJARA, F.; GUANDELIN, L. Comércio dentro do parque vai mudar. 2005. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sp/mat/2006/09/08/285589838.asp>>. Acesso em: 13 maio 2009.

POL, E. La apropiación del espacio. In ÍÑÍGUEZ, L.; POL, E. (Coord.). Apropiación, cognición y representación ambiental: monografías psicosocioambientales. Barcelona: PUB, 1996. p. 45-62.

PORTO, A. R. História urbanística da cidade de São Paulo: (1554-1988). São Paulo: Carthago & Forte, 1992.

RECHIA, S. Curitiba cidade-jardim: a relação entre espaços públicos e natureza no âmbito das experiências do lazer e do esporte. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 28 n. 3, p. 89-108, Campinas, 2007.

REQUIXA, R. Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer. São Paulo: SESC, 1980.

RODRIGUES, M. A. A. O lazer na cidade moderna: a Belo Horizonte no início do século XX. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 13., 2001, Natal. Anais... Natal: Prefeitura Municipal de Recife, 2001. 1 CD.

SANT'ANNA, D. B. O prazer justificado: história e lazer (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1994.

SANTOS, C. R. Teatro do Parque do Ibirapuera: em nome de quem? Arquitextos, São Paulo, n. 188, 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp188.asp>>. Acesso em: 12 maio 2009.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. O espaço do cidadão. São Paulo: Edusp, 1988.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. 100 parques. Disponível em: <http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sitesvma/100_parques/regiao/sul/index.php?p=46>. Acesso em: 22 ago. 2008.

TÊAGÁ. Coletânea de fotos antigas de São Paulo. 2007. Disponível em: <<http://www.skyscraper city.com/showthread.php?t=431868>>. Acesso em: 13 maio 2009.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. Caderno Cedes, Campinas, v. 20, n. 50, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 18 jul. 2006.

TUAN, Y. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TIBAU, A. Acerca da socialização e da sociabilidade no grafite. In: DAUSTER, T. (Org.). Antropologia e educação: um saber de fronteira. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2007. p. 87-110.

VASQUES, N. A. Lazer e educação: estudo bibliográfico desta relação. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VIRILIO, P.; LOTRINGER, S. Guerra pura: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1983.